Revista da Semana

ANNO XXXI -- N. 52 Preço 1$200 13 de Dezembro de 1930

Agentes Geraes: **Herm. Stoltz & Co.** -- Rio de Janeiro -- S. Paulo -- Pernambuco

Este numero consta de 44 paginas

ANNO XXXI | **Rio de Janeiro, 13 de Dezembro de 1930** | **NUMERO 52**

O dia da flor foi instituido no Rio, não para o culto dessa graça visual e desse encanto odorante, que vale por sorrisos da Terra. Improvisaram-no para um disfarce floral da esmola obrigatoria e da *facada* collectiva, que se torna irresistivel pela maneira gentil das moçoilas entregues, por espontanea abnegação feminina, a esse meio ardiloso de forçar a generosidade recondita dos transeuntes despreoccupados e, muitas vezes, desprevenidos...

A praga floral é uma suave modalidade do velho processo dos cartões furados por alfinetes, engenhoso recurso de padres para instigar a fé de suas parochianas, dando-lhes um pretexto para ferir a economia de suas ovelhas submissas com as proprias armas minusculas do sexo amavel... e cruel por espirito christão de uma caridade mal praticada.

Tornou-se uma hasta publica de flores artificiaes e alfinetes authenticos, leilão menos agradavel que a rifa dos beijos em Sevilha... Deviamos fazer uma festa floral em honra e louvor de nossa primavera, para exalçar a opulencia vegetal do Brasil, thesouro botanico que fez o espanto e a delicia dos sabios naturalistas que nos têm estudado, desde o grande Humboldt ao provecto Martius.

Cultuemos a flor, consagrando-lhe um dia votivo para enaltecel-a, mas sem a segunda intenção de lhe tirar provento seja para que fim fôr.

*

Os poetas Theodorick de Almeida, Arnaldo Nunes e Moacyr Silva, trindade sonora de passaros do Verbo, lançaram uma idéa que merece apoio unanime e exito immediato — a de se eleger um dia do anno para celebrar-se a Festa da Poesia, consagrada a "todos" os poetas do Brasil.

Só ahi é que discordo, porque essa extensão póde ser perigosa, exigindo uma mobilização geral dos brasileiros... Não ha, em nosso paiz, quem se não julgue autor de um soneto, pelo menos. E o academico Laudelino Freire é, de algum modo, o maior responsavel por essa presumpção lyrica de nossos bardos de geração espontanea, porque fez, com paciencia benedictina, uma anthologia estatistica de sonetos perpetrados por uma legião illimitavel, no seu famoso florilegio em série, commercio de poesia a grosso e a varejo...

Mas a idéa, falando sério, não implica numa homenagem tão generica e excessiva. Visa uma coordenação anthologica de poetas brasileiros, reunindo, tanto quanto possivel, a producção esparsa do lyrismo brasileiro, cujos autores tenham sido olvidados pela consagração do livro ou permaneçam no quasi anonymato do retiro provinciano, sem que as suas estrophes lograssem ecôar no Rio, centro propagador e convergente da cultura nacional, pelos fóros de sua importancia politica de capital do paiz e metropole do nosso espirito.

Os sympathicos propugnadores dessa iniciativa feliz, que tem o sal da opportunidade e o mel das bôas intenções generosas, preconizam, por esse meio symbolico e educativo, o estabelecer-se a cordialidade entre todos os poetas brasileiros, sendo porém o seu objectivo primordial o congraçamento fraternal de todos os passaros cantores da selva lyrica da nossa terra, como tambem a consagração posthuma de poetas duplamente mortos, já pelo esquecimento tumular, em que jazem, já pela falta de resonancia aos rythmos que legaram á nossa sensibilidade esthetica.

Promover, em dia convencionado, a festa annual da poesia brasileira, em todos os ambitos do nosso vasto territorio, politicamente unido, mas fraccionado e disperso espiritualmente, afigura-se-me um movimento de belleza e patriotismo, porque será, por certo, um factor a mais para firmar a unidade brasileira em bases solidas e indestructiveis, pela força prodigiosa do pensamento.

Louvavel será tambem a publicação projectada — e sujeita á possibilidade do certamen em causa — da "Musa Brasileira", anthologia annual, para recolher essa vasta riqueza poetica, que está á espera de quem a desencave e desencante para poder encantar-nos.

O alvitre de fixar o dia dos poetas na estação official de nossa primavera permanente póde ser acceitavel, mas acho que tanto no estio como no outomno ou inverno poderá verificar-se, pois o essencial é que seja celebrado esse jogo floral de nossos rythmos de coração e gorgeios de espirito, e que haja a effectivação desse culto ao sonho que canta em nossas almas, cigarras do verão tropical do parnaso indigena.

Opponho uma restricção final: discórdo num ponto de somenos — o da escolha de um dia destinado aos poetas adamicos e outro de exclusivo louvor ás evas versejadoras.

A poesia não tem sexo, porque nasce do cerebro, provém do coração, por toque subtil de um divino momento de éstro ou por effeito magico de uma effusão sentimental. O verso, sendo uma resonancia cósmica, que faz estremecer as raizes profundas do sêr, é uma força que vence o instincto e actúa fóra da materia contingente, sem differenciação de condição sexual, salvo se quizerem, por snobismo extravagante, collocal-a nos dominios de Freud, idolo do nosso tempo...

O desapparecido

conto de JACQUES CONSTANT

PELA decima vez, Miquelina Navellou, a quem toda a gente chamava "a senhora Dorcier" abriu a janella e se debruçou a perscrutar a rua Legendre... Um relogio de torre, ao longe, bateu meia hora. Eram oito e meia. E nenhum transeunte se detinha deante do 67 bis, em cujo terceiro andar a senhora Dorcier tão ansiosamente esperava.

Já a sopa, á força de "apurar", pegava no fundo da panella... O facto de Dorcier não ter voltado para casa áquellas horas era realmente insolito. Não havia homem mais meticulosamente pontual. A's oito e meia da manhã, exactamente, beijava Miquelina com ternura e sahia para tomar o auto-omnibus que o havia de levar ao escriptorio. Era empregado da Previdencia, companhia de seguros, cuja séde ficava no Boulevard Haussmann. Apezar de nunca o ter acompanhado ao escriptorio, "porque os directores não gostavam disso", Miquelina conhecia os companheiros de secção de seu marido—Pitois, Victor Bordet, Juaut—e conhecia-os bem, a todos, porque frequentemente elle lh'os nomeava. Dorcier almoçava num restaurant proximo da companhia mas ás seis horas, geralmente, estava de volta a casa.

Quatro ou cinco vezes por anno, por occasião de festas ou de promoções, Dorcier acompanhava os seus camaradas ao botequim. Prevenia, porém, Miquelina de que ficaria por fóra um pouco mais; e nunca, absolutamente nunca voltava para casa depois das sete e meia...

* * *

A's 9 horas a senhora Dorcier não se poude mais conter. Desceu ao rez-do-chão e confiou as suas aprehensões á porteira do predio, que exclamou commovidissima:

— Um inquilino tão correcto, tão pontual... Com certeza lhe aconteceu alguma coisa!

E não podia deixar de ser assim porque, até dia claro, debalde a senhora Dorcier, chorando, rezando, gemendo e espreitando, esperou o regresso daquelle a quem —, apezar de nenhuma formalidade legal lhes consagrar a longa vida em commum — toda a gente considerava seu marido.

Quando chegou a hora razoavel para isso, procedeu a senhora Dorcier ás diligencias que em casos taes se devem empregar. Antes de mais nada, correu aos escriptorios da Previdencia, onde contava colher as mais uteis informações. E quasi foi abaixo de espanto quando o chefe do pessoal da importante empreza lhe declarou não haver alli empregado algum chamado Leonardo Dorcier, nem Leonardo qualquer outra coisa. Além disso, ninguem conhecia o original da photographia que Miquelina, para o que désse e viésse, tinha levado comsigo; e, quando ella perguntou se podia falar com o sr. Bordet, o sr. Juaut ou o sr. Pitois, responderam-lhe que nenhum desses cavalheiros fazia parte do pessoal da companhia.

Aturdida, toda a tremer, foi a senhora Dorcier ao mais proximo commissariado de Policia, donde a encaminharam para a Chefatura. Dahi, mandaram-na para o Instituto Medico-Legal, para a Assistencia Publica. Visitou, em dois hospitaes, enfermos cuja identidade não estava bem apurada... Em parte nenhuma, porém, encontrou aquelle a quem procurava.

No dia seguinte, publicaram os jornaes a photographia e os signaes do desapparecido. O açougueiro, a quitandeira e o salchicheiro das visinhanças commentaram ardorosamente o caso com a porteira do 67 bis. Depois, pouco a pouco, foi aquelle mysterio perdendo o interesse, esquecendo, até que ninguem mais pensou nelle — a não ser a abandonada.

* * *

Miquelina voltou ao seu officio de coser para fóra e conseguia ganhar o bastante para a vida modestissima que levava. Mas soffria cruelmente. O mysterio que á volta della se fizera continuamente a opprimia, ameaçava suffocal-a. Fôra Leonardo assassinado? Encontrariam qualquer dia o seu cadaver boiando no Sena ou enterrado nalgum terreno vago dos suburbios? Teria elle por qualquer motivo fugido para o estrangeiro? Por que lhe dissera Leonardo que trabalhava na Previdencia? Que fazia realmente durante o dia? Com que fim lhe mentira elle com tanta perseverança?

A abandonada comprehendia, pois, que ignorava tudo daquelle a quem se unira, tão cheia de sinceridade e de confiança...

* * *

Decorreram dezoito mezes e aquella a quem chamavam "viuva Dorcier" não se conformava com a idéa de tal separação.

Um domingo, com um suave sol de outubro convidando ao passeio, Miquelina acceitou o convite duma amiga para irem até ao Bosque de Bolonha. Subitamente, a "viuva Dorcier" que caminhava a passos lentos, apreciando o desfilar dos automoveis, precipitou-se para um sumptuoso carro seis-cylindros:

— Leonardo! E' elle! Leonardo!

O homem tinha os hombros largos, o pescoço robusto, a carnuda nuca do ausente. A sua companheira, alta e esbelta, ostentava um soberbo *manteau* verde, guarnecido de pelles. Um galgo magnifico saltava ao lado do casal. O gentleman voltou-se, surprehendido, para a mulher que assim o interpelava; e, como Miquelina o segurasse pelo braço, perguntou-lhe com um leve sotaque estrangeiro:

— Que deseja a senhora?

— Reconheço-te perfeitamente! Pelos olhos, por tudo! Rapaste a barba, mas és Leonardo, Leonardo Dorcier!

— Engana-se: sou William Shope, de Boston.

— Mentes!

— Chama um guarda, é doida... disse a dama do galgo.

Já um grupo de curiosos se avisinhara. Veio um policial e escutou com deferencia as explicações do Norte-Americano, que exhibiu um passaporte e outros papeis comprobatorios da sua qualidade de cidadão dos Estados Unidos.

— Então, está convencida do seu equivoco? perguntou o agente.

— Estou... respondeu Miquelina.

Com effeito, tendo reflectido melhor, ella se disse a si mesma que era difficil comparar o rosto escanhoado, de feições duras, de William Shope, á face barbuda e bonacheirona de Leonardo Dorcier. No emtanto, os olhos tinham a mesma expressão, e os modos, e o andar, e aquillo que só uma mulher amorosa sabe distinguir, adivinhar...

— Está vendo como ha semelhanças extraordinarias? Commentou o policial, acompanhando-do, um momento, a pobre mulher. — Eu proprio, quando fazia o serviço militar, conheci no meu regimento dois soldados que toda a gente confundia, de tal maneira se pareciam. Pois, além de não haver entre elles o menor parentesco, nem conterraneos eram, pois que um nascera na Saboia e outro na Bretanha... E este mesmo Americano, que a senhora tomou por seu marido, sabe quem elle me fez lembrar? Um bandido que eu ajudei a prender dois ou tres annos antes da guerra. Chamava-se... Como se chamava mesmo o patife? Arnaud, Darnaud... Isso mesmo, Darnaud! Tinha assassinado, para a roubar, uma velha muito rica da rua Poliveau. Foi condemnado á morte, mas depois commutaram-lhe a pena para trabalhos forçados, na Cayena. Mas, ao que li nos jornaes, ao cabo de dezoito mezes conseguiu evadir-se... E não tornei a ouvir fallar nelle.

A boneca "princeza Elisabeth"

A boneca da moda, este Natal, em Londres, será a denominada "Princeza Elisabeth".

As suas feições reproduzem com toda a fidelidade possivel as da filha mais velha dos Duques de York; o vestuario é uma copia do que a princezinha ostenta na sua mais vulgarizada photographia; e não lhe falta sequer o colarzinho de perolas que sempre adorna aquelle pescocinho real... No primeiro momento, o duque de York não se mostrou nada satisfeito ao saber que pretendiam dar a uma boneca a physionomia e o nome de sua filha; observando-se-lhe, porém, que o caso tinha já precedentes, S. A. permittiu que a boneca fosse enviada á Duqueza, para esta a examinar e dar a sua opinião.

As madeixas de ouro e o vestidinho largamente pregueado, como os usa a princezinha Elisabeth, agradaram á Duqueza, que immediatamente deu a permissão solicitada.

Do Capitolio ao Convento

A lenda dos gansos do Capitolio encerra um fundo de verdade, pois os gansos são vigias dos mais attentos e feis que se possa imaginar. Todos os donos de casa que os têm no seu gallinheiro sabem disso perfeitamente.

Ainda o mez passado se deu em Roma um caso que bem demonstra a sua solicitude efficacissima. Um bando de malfeitores saltou o muro dum convento de Irmãs, no Monte Aventino, e ia saquear os thesouros da capella quando os gansos installados no pateo deram um alarme formidavel. Tal algazarra elles fizeram que não ficou em todo o convento uma só pessoa adormecida. E os ladrões não tiveram remedio senão fugir sem levar coisa alguma.

O amor é a historia da vida das mulheres. E' apenas um episodio na dos homens.

Elegancia Masculina

Londres, NOVEMBRO DE 1930

Na elegancia masculina ha sempre pequenos detalhes que exercem uma influencia decisiva sobre o todo. E' a demonstração da velha regra de que o pequeno tem maior valor do que o desmesurado. E por que motivo volvo a esta verdade que já tem cabellos brancos? Simplesmente por causa de certas cartas que tenho recebido nestes ultimos tempos. Ha leitores que se queixam de certas insufficiencias que se verificam na sua indumentaria. Lamentam-se porque, embora sejam os seus ternos cortados em alfaiates da moda, nem por isso elles conseguem proporcionar uma impressão agradabilissima de eurythmia. Dizem esses meus leitores que conhecem outros cavalheiros que, embora vestidos com uma certa negligencia, sempre logram conquistar os interlocutores do seu club pela maneira suave e discreta por que apresentam a sua elegancia. Donde se conclue que nem sempre é o alfaiate que faz o elegante. Seria mais azado dizer que o elegante já nasce feito.

E' verdade, a julgar pela experiencia que tenho adquirido da leitura de outras cartas, tudo quanto aquelles leitores dizem. Pensar que um terno geometricamente perfeito pode realizar um milagre constitue erro bem grande. Muito pelo contrario. O que se dá é o seguinte. Para que um terno proporcione uma impressão admiravel, não basta unicamente que a obra do alfaiate seja irreprehensivel. O que vale em tudo é a personalidade humana. Um cavalheiro saudavel, intelligente, bem humorado, de bôa compleição robusta, pode estar vestido com certo descuido, que ás vezes é bem intencional, mas a impressão de elegancia será muito mais interessante do que a proporcionada por um outro hirto, severo, rigido, torturado por um terno complicado...

*

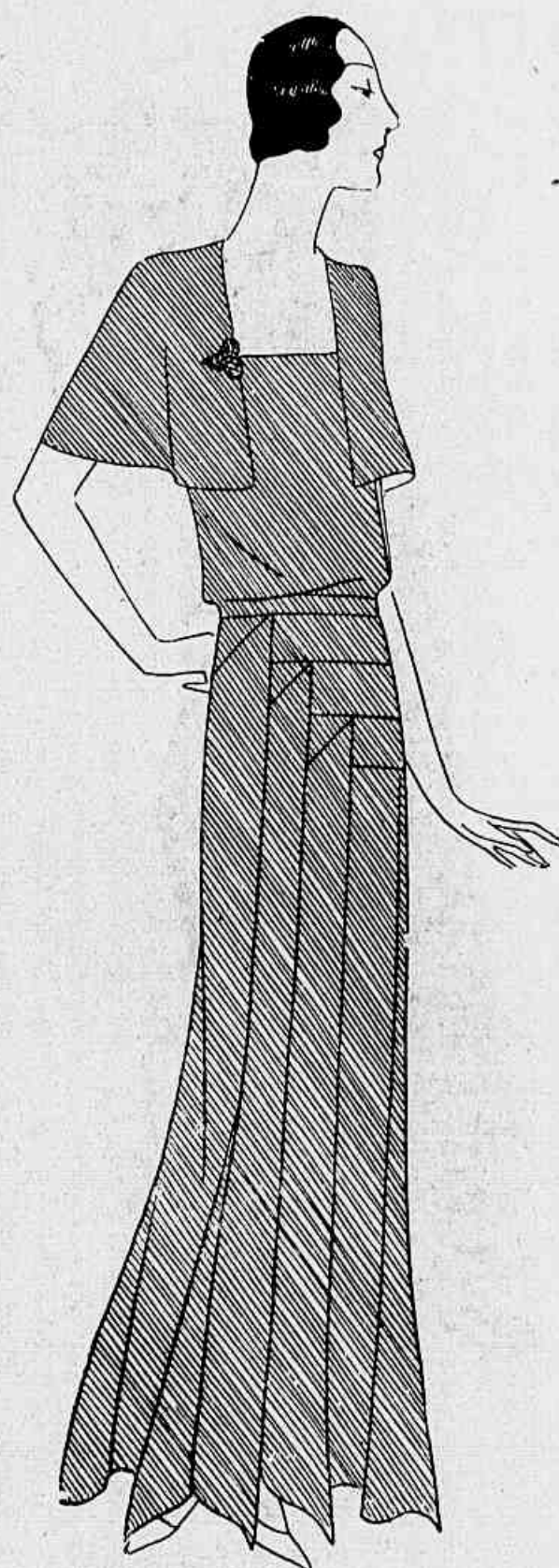
Se alguem pretendesse fazer um estudo completo a respeito da evolução das modas masculinas de 1914 até esta data, comprehenderia facilmente que era sufficiente que esse estudo fosse feito, digamos, pelas camisas. Quão distantes nos encontramos das camisas hirtas, solemnes e empertigadas de outros tempos. Parece que foi necessario

que a guerra de 1914 tivesse surgido para desmoronar por completo uma porção de tradições e superstições que estavam escravizando as modas masculinas. Agora, não. A libertação foi completa. Os ultimos modelos que se vêem em Londres, nas melhores casas do artigo, primam justamente pela variedade estupenda dos modelos. Ha de tudo e para todas as horas do dia. Ha camisas negligentes (digamos assim) para o interior, pouco depois do levantar. Ha camisas sportivas, de córte simples mas bello; ha camisas de seda ou de outros tecidos, em tons admiraveis, que representam tudo quanto pode haver de mais interessante a respeito. E' difficil dizer quaesquer palavras de orientação. Ha mil e um modelos differentes e cada qual mais bello.

PETER GREIG.

Natal de 1930
PRESENTE DE NATAL
Um presente é sempre lembrança affectiva, dadiva com que nos fazemos lembrados; ternura de quem offerece, amizade e gratidão de quem o recebe. Qual o melhor presente? É aquelle que faz perdurar a memoria do doador. Si quizer conhecer qual o melhor presente de Natal para a esposa e para os filhos, recorte o coupon abaixo e remetta-o á "Sul America" para, em troca, receber um luxuoso livro com gravuras finas, impressas em optimo papel rugoso.
SUL AMERICA
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA
Aos seus segurados e aos futuros segurados — os habitantes do Brasil — A "SUL AMERICA" apresenta saudações que significam o desejo cordial de os ver prosperos e felizes por occasião do NATAL de 1930 e no inicio de 1931.
QUEIRA ENVIAR-ME GRATIS UM EXEMPLAR DO LIVRO
NATAL DE 1930
"SUL AMERICA" - Caixa Postal 1946 - Rio
Nome
Rua
N.º
Endereço Commercial
N.º
Cidade
Estado

OS TRAJOS DE TARDE

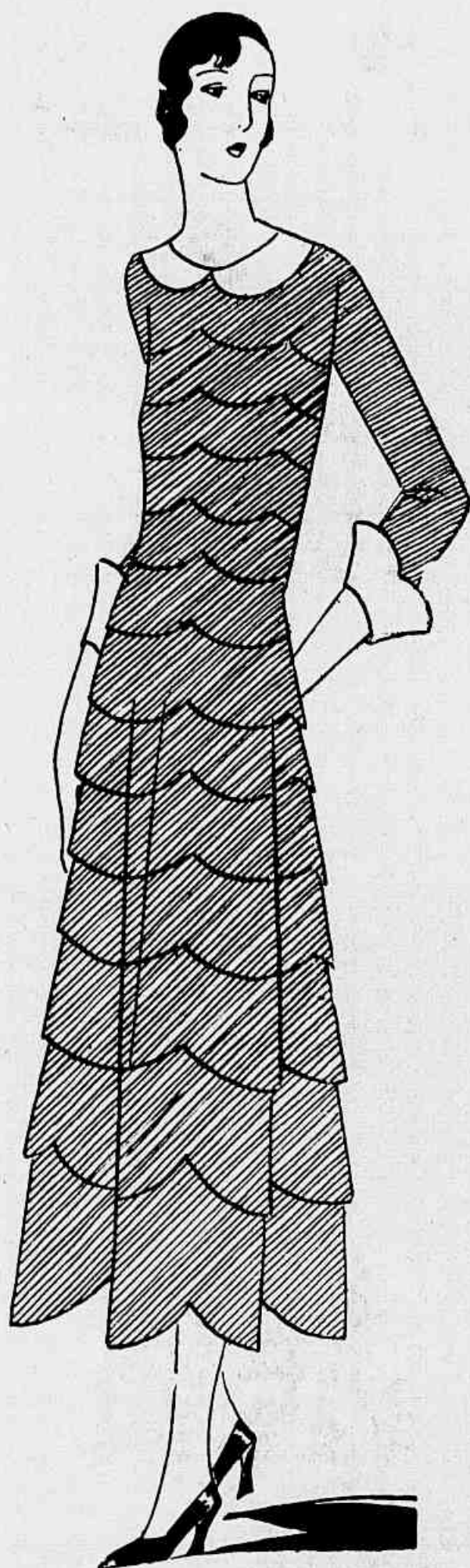
Não se pode negar que, finalmente, parece que os trajos de tarde merecerão um tal nome, porque já possuem caracteristicas que lhes dão o direito de serem completamente differentes dos trajos que se usam a outras horas do dia. Até agora consistiam sómente nuns trajozinhos muito simples, de aspecto muito juvenil e agradavel, que se usavam já sem nenhum inconveniente desde as onze da manhã; mas este excesso de liberdade, por dizel-o assim, já passou á historia... por emquanto. Na actualidade não se passa nada d'isso, porque os grandes modistos, com certeza depois de graves e profundas reflexões, decidiram que esta temporada a moda seria muito "senhora" e, como é natural e corrente, não terêmos mais remedio do que obedecer aos unicos monarchas absolutos que ainda ha nos paizes civilizados e cujas ordens são melhor acatadas e sem tantas resistencias ou rebeldias como as dos antigos tyrannos ou autocratas.

Vestido de crêpe azul turqueza. Pelerine presa por uma linda joia de diamantes.

Manteau e saia de *tweed* amarello com blusa de toile de lamé amarello. Saia de prégas cavadas, com cinto duplo.

Fica estabelecido, portanto, que é inutil a resistencia e tambem tudo quanto se pudesse dizer em contrario: e assim, já resignadas, vamos vêr em que consiste a novidade. Em primeiro logar, esses trajos de tarde serão de tunica ou de "basques" de maneira que, antes de mais nada, favorecerão as que tenham bôa estatura porém, pelo contrario, irão muito mal ás que não tenham sido favorecidas pela Natureza, com respeito a este detalhe.

Essas tunicas teem o comprimento chamado de tres quartos e são quer do mesmo tom da saia, quer do diametralmente opposto. A's morenas sentar-lhes-á muito bem uma tunica de crepon de setim branco ou de azul turqueza sobre uma saia de crepon de setim preto.

Este effeito de tons que contrastam entre si, podemos tambem observal-o nos "empiècements", e as nossas leitoras já terão visto trajos de crepon de setim preto ou "tête de nègre" (castanho muito escuro), adornados com "empiècements" de tons claros. Tambem é claro o tom da parte superior das mangas, com o fim de que dê como resultado uma só linha recta do trajo inteiro. O resto das mangas, muito estreitas, é já preto e,

Blusa tunica de lamé ouro sobre saia em forma, de drap negro.

assim, dá-se a impressão de que se levam luvas compridas. Isso é o mais requintado e distincto ao mesmo tempo.

Volta, a passos agigantados, a moda dos bordados e das contas, e tem-se visto adornos muito bonitos de bordados inglezes com pérolas pequeninas. Vêem-se nas collecções dos medistos muitos "empiècements" adornados desta maneira e, ás vezes, tambem apparecem execuções de boleros, trabalhados de egual modo.

Isso, naturalmente, é beneficioso para os bordadores e desagradavel para nós: ha muitas que gostam desses trajos, mas outras em compensação — e talvez sejam em maior numero — encontram-n'os pesados e monótonos, sem ter em conta outros defeitos de ordem economica.

A demais, com esses adornos arrisca-se o perigo gravissimo e muito facil de cahir no máu gosto. Por esta razão pedirei ás minhas leitoras que procurem em todas as occasiões escolher o mais simples, porquanto, neste caso, o risco já não é tão grande. O que é simples é quasi sempre elegante e, a não ser que se tenha muito máu gosto, pode sempre acertar-se com algum motivo discreto e elegante. Sobretudo deve ter-se muito cuidado na escolha das côres que tenham de fazer contraste, devendo evitar-se as combinações taes como o roxo com o encarnado, o castanho com o rosa, o laranja com o castanho etc. E, principalmente, devemos metter bem na cabeça e convencer-nos de que a verdadeira elegancia nada tem que ver com a excentricidade e que, inclusivamente, os grandes creadores da moda reflectem muito tempo e muitas vezes, e ainda assim não se atrevem sempre a exhibir contrastes muito pronunciados.

Vestido de crêpe verde, guarnecido inteiramente de pequenos babados rendados e superpostos ao longo do vestido. Golla e punhos de crêpe-setim branco.

Vestido de musselina negra. Duas écharpes cruzadas na frente do corpete, uma negra e outra rosa, cobrem os hombros e cáem atrás, dos dois lados do vestido.

Vestido de setim negro. Saia de godets superpostos e arredondados na frente. Golla de crêpe branco.

Na Revolução

A cidade vivia habituada aos combates e tiroteios. Diariamente, a todas as horas tronitoavam canhões, pipocavam metralhadoras e fuzis, sibilavam *ameixas* em varios pontos. Familiarizados com os estrondos, todos sabiam distinguir de onde partiam e commentavam antecipadamente os resultados. As lutas travavam-se entre as guarnições das praias e as embarcações revoltosas, ou entre os navios de guerra e as fortalezas.

Era no governo do marechal Floriano.

Escoaram-se quasi seis mezes nessa peleja ingloria. Pelos estados do Sul a refrega era mais acêsa. No Rio proseguia a tróca de balas, intercaladas, a ponto de se tornar uma distracção o espectaculo dos encontros. Alugavam-se binoculos, para essa apreciação na praia de Santa Luzia e nos morros mais afastados das aguas. Volta e meia um chuveiro de balas, vindo do mar, obrigava os mirones a corridas de gatinhas para logares mais seguros.

Do interior vinham noticias tétricas, cheias de scenas de vinganças pessoaes e fuzilamentos em massa.

O Rio, porém, continuava na costumeira troca de projecteis e no bombardeio entre navios e fortes, invariavelmente ao cahir da tarde. Era quasi um ramerrão que o povo commentava numa quadra:

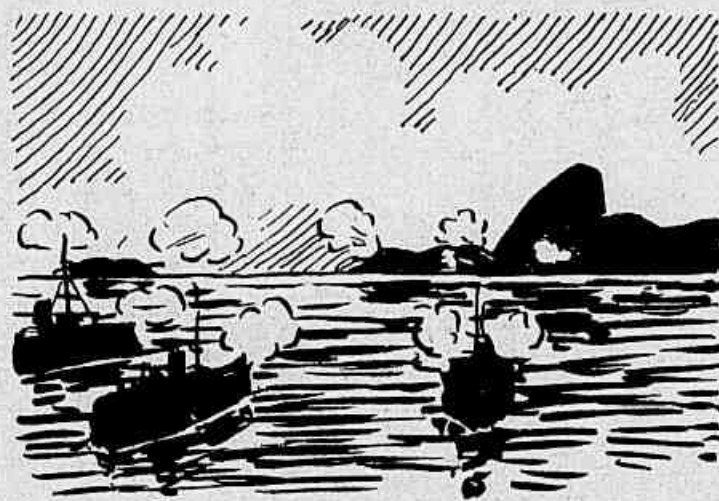
"Floriano não vae ao mar,
Custodio não vem á terra,
Ninguem póde calcular
Quando é que acaba esta guerra".

Afinal, um bello dia, annunciou-se a entrada de uma "esquadra legal" na Guanabara, preparada no exterior para dar cabo da esquadra revoltosa. Os rebeldes, faltos de recursos materiaes para resistencia, abandonaram os navios e refugiaram-se a bordo de navios de guerra portuguezes, que se achavam em nossas aguas.

Cessou a *rebordosa;* mas o estado de sitio permanecia, a luta recrudescia no interior, onde as noticias de massacres e fuzilamentos formigavam.

Por esses tempos os theatros funccionavam com regularidade. A crise não impedia a frequencia e todas as casas de espectaculo attrahiam gente de modo compensador, porque a força do habito tornára indifferentes aos écos dos tiros e das explosões os habitantes cariocas.

No antigo Theatro Apollo, certa noite, ensaiava-se com apuro uma opereta; a casa fechára-se ao publico por vinte e quatro horas, para completa marcação e montagem da peça que deveria ir á scena dous dias depois.

Corria o ensaio com a azafama de costume, condimentado pelos berros do ensaiador, pelas emendas do autor e pelas repetições do maestro, no esforço costumeiro de metter afinação nas vozes dos artistas e coristas.

Volta e meia ouvia-se um estampido ao longe e commentava-se:

— Queimou Santa Cruz!

— Está enganado. Queimou São João. Esse tiro é da *vovó*.

Vovó era um canhão enorme, calibre 450, postado no morro da fortaleza de S. João; quando *queimava*, fazia estremecer grande parte da cidade.

De outras vezes ouvia-se o longinquo matraquear dos fuzis e metralhadoras, e commentava-se:

— Isto é da lancha *Lucy* que está caçando gente nas praias.

— Parece mais da guarnição da ponte do Cajú.

E o ensaio proseguiu até ao fim, sem mais novidade. Retiraram-se artistas, coristas, contraregra, carpinteiros. Ficaram somente no palco o maestro, o ensaiador e o autor da peça combinando as ultimas providencias.

Subito ouviu-se o estrondear de uma fuzilaria proxima, em descargas compassadas.

— Bonito! Agora o brinquedo é perto d'aqui, observou o maestro.

— Bem perto, disse o autor: deve ser ahi pela esquina, acrescentou o autor.

O ensaiador, assustado, confidencialmente explicou:

— Já sei... Aproveitaram horas mortas para fuzilamentos na policia, aqui adiante.

— O melhor é recolhermos os corpos ao quartel da segurança familiar, avisou o maestro, tomando o chapéu e o guarda chuva.

Os outros imitaram o movimento, calculando as difficuldades a vencer na rua. O tiroteio continuava cerrado e compassado. Os tres foram até ao portão, já ás escuras, prevendo cousas pavorosas. Um cambista, o Anselmo, estava encostado ao batente, apreciando a rua quasi deserta.

— Que imprudencia! exclamou o maestro. Você ahi exposto ás *ameixas* do tiroteio, *seu* Anselmo?

— Não é nada, observou o cambista.

— Como não é nada! Não está ouvindo? E' bem perto d'aqui.

— E' bem pertinho, mas é ali no Theatro Recreio. Isto é tiroteio de polvora sêcca da velha peça.

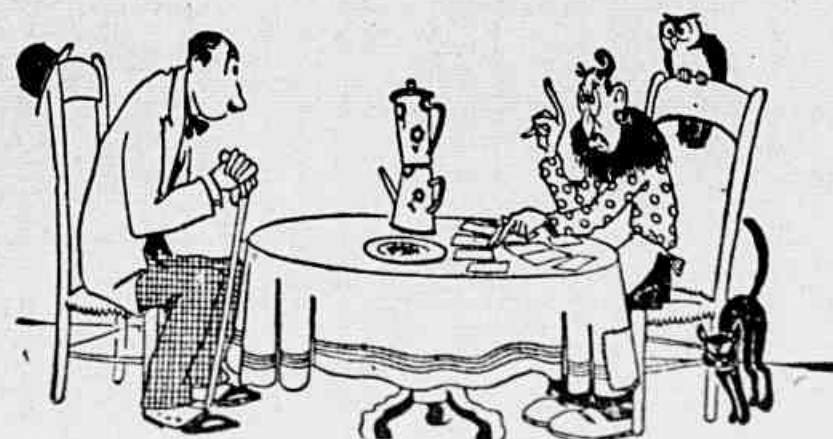
Comprehenderam os tres: representava-se no velhusco Theatro a velhusca peça, movimentada e cheia de tiros, *A volta do mundo em 80 dias*...

Contra a censura e as indiscreções

Na Exposição da Imprensa de Colonia, havia um pavilhão que obteve grande successo de curiosidade. Era o pavilhão da antiga Roma.

Os Romanos, gente esperta, tinham longamente meditado sobre o problema da transmissão das noticias e da correspondencia. Tinham resolvido de diversas maneiras, mas sempre com o mesmo fito: era preciso que a mensagem a ser transmittida fosse lida só pelas pessôas para quem era dirigida. Como os envelopes não eram ainda conhecidos, empregavam estratagemas.

A's vezes serviam-se d'uma lebre, mettiam dentro da barriga da caça morta o pergaminho enrolado e mandavam o presente á pessoa com quem queriam communicar-se.

Outras vezes mandavam raspar a cabeça d'um escravo, traçavam um texto sobre o craneo, deixavam crescer o cabello, depois expediam o homem-carta para a residencia do correspondente, o qual, por sua vez, mandava raspar a cabeça do paciente e tomava conhecimento do seu correio.

A cartomante — Desconfie duma mulher loura...
O cliente — E' tarde. Casei com ella ha oito dias!

Incontentavel

— Ernesto! Falleceu sua sogra!
— E minha mulher?

As riquezas da Persia

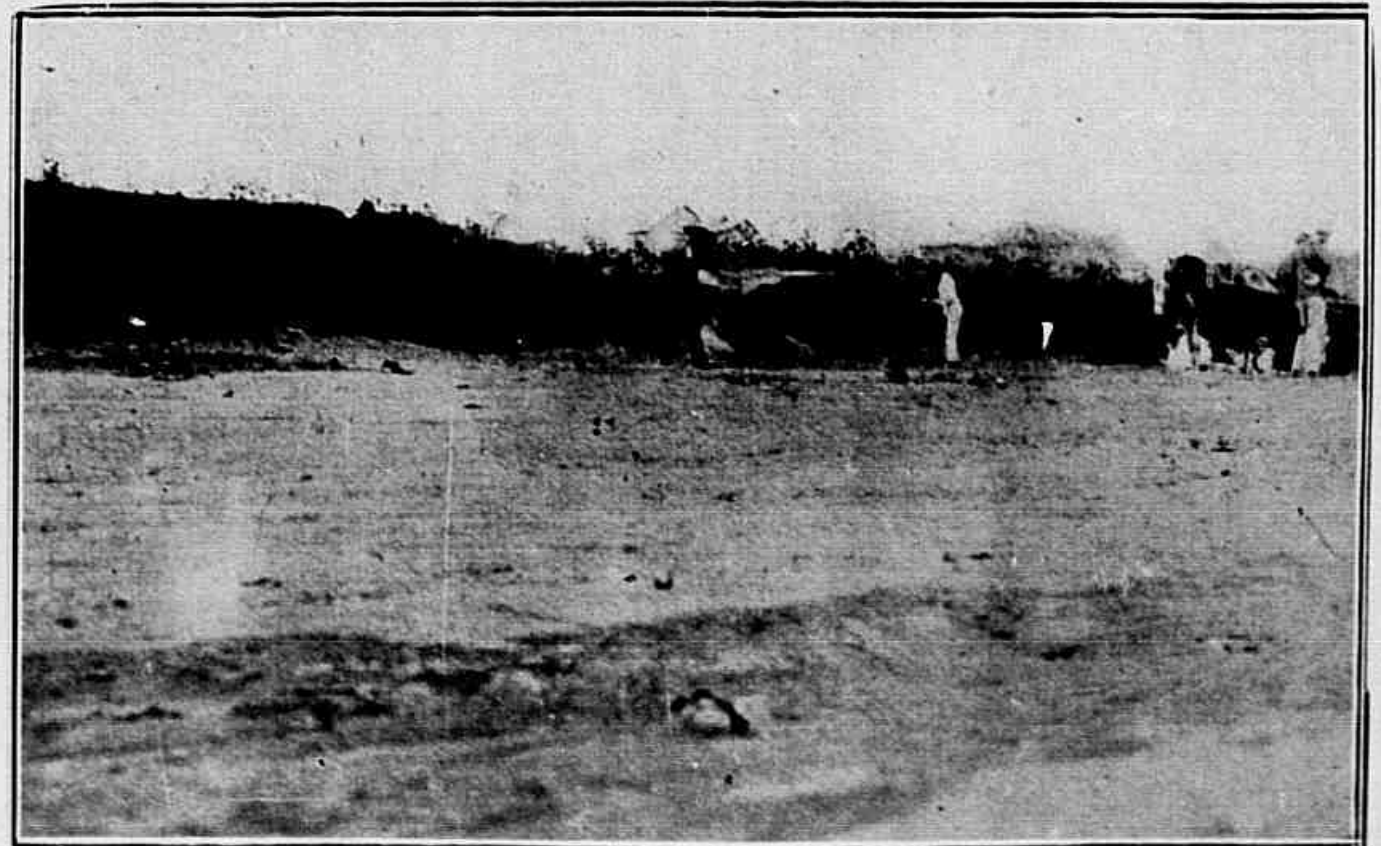
O navio Baharistan, *cujo nome fôra mantido occulto como medida de precaução contra os ataques dos piratas do Golfo Persico e do Mar Vermelho, chegou o mez passado a Londres com uma collecção de objectos de arte persas remontando alguns á mais distante antiguidade.*

Uma brigada especial do Serviço de Policia guardou esse thesouro, que do navio sahiu, formidavelmente escoltado, para Burlington-House, onde constituirá a base duma Exposição Internacional de Arte Persa em Janeiro e Fevereiro do anno proximo.

Entre as peças mais importantes da collecção figuram baixellas de prata que, segundo se diz, pertenceram ao grande califa Harun el Raschid, de Bagdad; uma corôa do shah da Persia; tapetes tecidos de seda, ouro e prata, "mais preciosos do que telas de Rafael ou de Rembrandt" etc.

Esses thesouros de belleza e riqueza nunca vistas foram transportados por tres aeroplanos de Teheran para Abadan, no Golfo Persico, e ahi embarcados no Baharistan. *No entender de sir E. Denison Ross, director da Escola de Estudos Orientaes, de Londres, a collecção referida é de inestimavel valor e, se acaso se perdesse ou estragasse, jamais poderia ser reconstituida ou substituida. E foi segura em 2 milhões de libras, ou sejam mais ou menos 100.000 contos de*

— E' o quarto coelho que mato.
— Seriamente? Desde quando?
— Desde 1912.

O baile da ala "Tudo pelo Jazz", realizado no Orfeão Portugal.

Cavernas abertas em Bello Horizonte para defesa contra possiveis ataques de aviões legalistas.

réis, a mais alta somma que as companhias de seguros tenham, em qualquer tempo, acceitado.

Uma aventura do rei Boris

Os ultimos jornaes italianos trazem a curiosa aventura em que o rei Boris recentemente se viu envolvido e na qual deu prova dum admiravel sangue-frio.

O jovem soberano é um automobilista verdadeiramente apaixonado. Um dos seus maiores prazeres consiste nos grandes passeios que elle dá através dos campos bulgaros, acompanhado apenas do seu ajudante de ordens e do chauffeur.

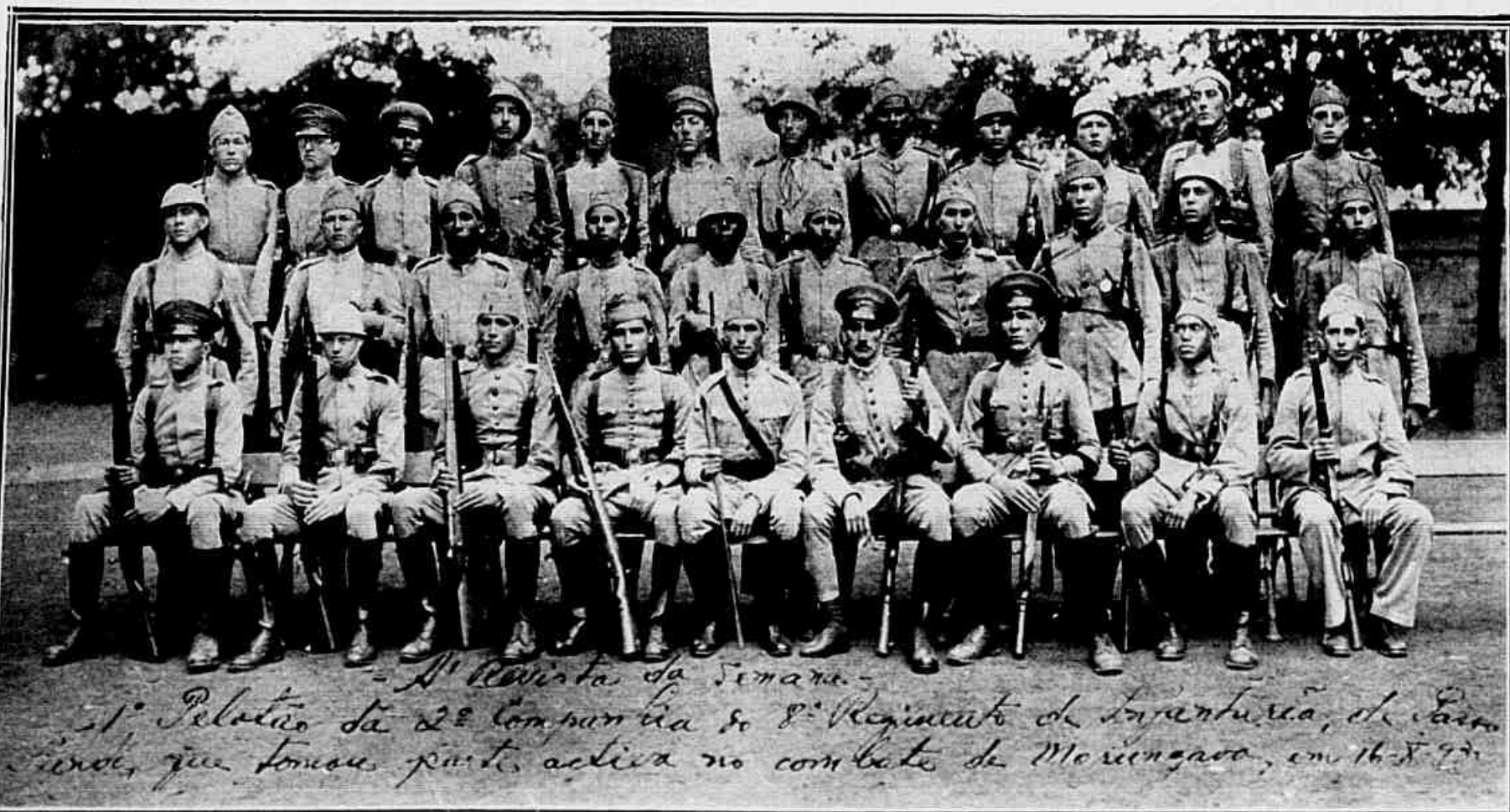
Ora, um bello dia do mez passado, achando-se o soberano num sitio da fronteira, isolado, agreste, extremamente pittoresco, quatro bandidos surgiram na estrada e, apontando as carabinas, intimaram o chauffeur a parar, sob pena de morte. Detido o automovel, o monarcha, sem mostrar a menor emoção, sahiu do carro e caminhou lentamente para os bandidos, fixando ora um ora outro, com energica firmeza. De repente, os assaltantes reconheceram o rei; e tiveram um movimento tão inesperado quão sensacional: apresentaram-lhe armas.

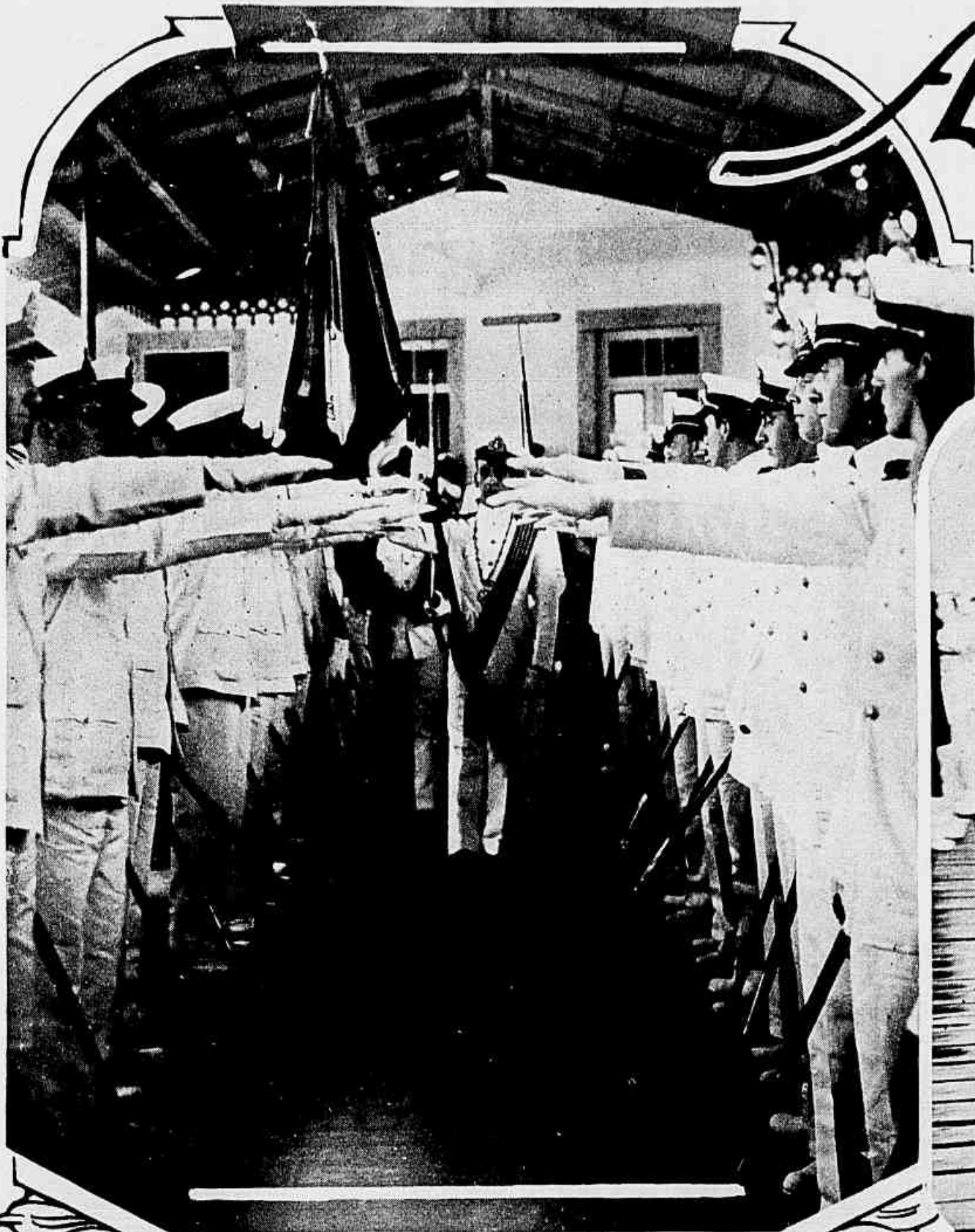
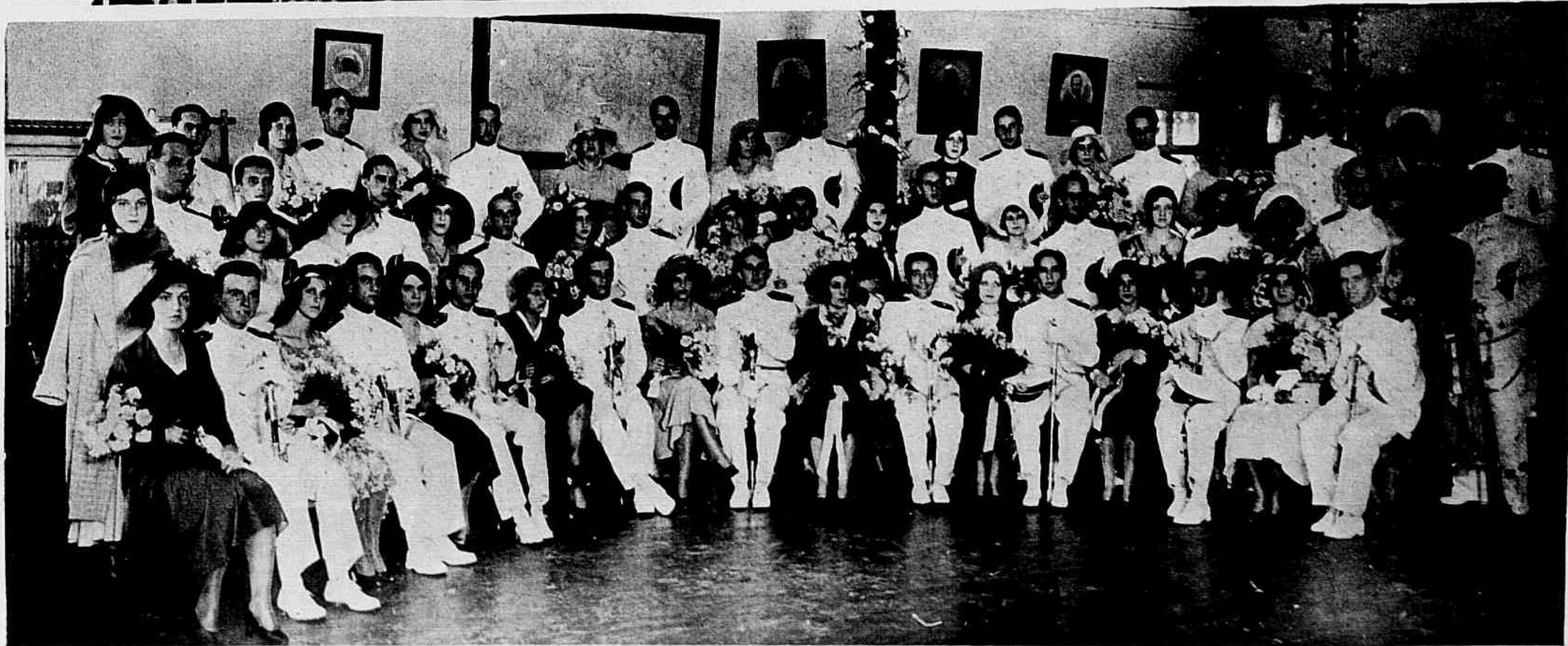
O soberano, achando aquillo principalmente divertido, convidou os malfeitores a sentarem-se a seu lado, á beira da estrada, e fez-lhes uma prelecção de moral. Os quatro patifes ouviram o rei, attentamente primeiro, patenteando logo depois uma sincera commoção. E, ao final, prometteram emendar-se, entrando definitivamente no caminho do bem.

Não se sabe se cumprirão a palavra... A verdade, porém, é que até á data do jornal donde extrahimos esta nota não tinham tornado a apparecer.

EM PARIS

Maurice Chevalier, passeando incognito.

— Não bata nessa mulher, senhor.
— E por que?
— Não adianta nada. E' a minha.

1.º Pelotão da 2.ª Companhia do 8.º Reg. de Infantaria, de Passo Fundo, que tomou parte activa no combate de Morungava, em 16-10-930

A entrega das espadas aos novos guardas-marinha

Ao alto da pagina, á direita, a chegada do sr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio, á Escola Naval, na Ilha das Enxadas. Ao lado de s. ex. o almirante director; a seguir, os ministros da Marinha e da Guerra. Ao alto, á esquerda, o juramento á bandeira pelos novos guardas-marinha. Ao lado, o sr. Getulio Vargas entregando as espadas aos novos officiaes. Logo ao alto destas linhas um aspecto da ceremonia. Em baixo: os guardas-marinha e suas madrinhas.

França Antarctica

por Escragnolle Doria

Num dia do remoto e para nós já nebuloso anno de 1557, um homem passeiava na ilha indigenamente de Serigipe, depois de Villegaignon, nome por milagre ainda não delido da corographia carioca.

Chamava-se o passeante João de Léry, francez da Borgonha, adepto de Calvino, pelo destino associado á empreza d'aquelle senhor Nicoláo Durand de Villegaignon, cavalleiro de Malta que, se offendendo da França e mormente da Bretanha, viéra ter á America, nos sitios de Guanabara.

N'aquella escolhera o seu ponto mais formoso e fertil, o Brasil, não só para ser ahi cultor de Deus e da solidão como preparar refugio ás victimas das perseguições religiosas européas.

Calvinista qual Villegaignon, João de Léry não havia muito chegára ao Brasil, ao Rio de Janeiro, vindo de Honfleur, na *Grande Roberge*, navio com cento e vinte homens, confiado a capitão e piloto de bôa experiencia no mar.

Mezes fluctuou a *Grande Roberge* no oceano até ser avistada terra do Brasil, por manhã de Fevereiro. Pasmaram os navegantes, pois as florestas e as hervas do novo paiz verdeavam quando na Europa o inverno tudo trazia em gelo. De bordo da *Grande Roberge* só se contemplava verdura, só primavera, de alegria na costa, até entre lençóes de areia.

Passou a *Grande Roberge* por Macahé; soffreu tempestade quasi de sinistro, velejando para Cabo Frio, logo depois para o Rio de Janeiro. Ainda Léry trazia bem em memoria o desembarque no forte de Coligny, ilha de Villegaignon, este tratado pelo gentio por Paicolás, cousa vagamente parecida em francez com um "père Nicolas".

Deshabitada antes dos francezes, tornara-se a ilha morada de Léry, ella com meia milha de circuito, seis vezes mais comprida que larga, defendida por pedras á flôr do mar, o saxifrago paciente. Só podiam atracar na ilha, sempre da banda do porto, barcos de pouquidade.

Nas extremas da ilha levantavam-se dous morros, com duas casinhas, posta a residencia de Villegaignon no meio da ilha, em penedo alto de cincoenta pés. Lado a lado do penedo, áreas aplainadas davam sólo á sala das predicas da religião reformada, a refeitorio e dormitorio de oitenta pessôas, em tal numero a comitiva de Villegaignon.

A casa d'este recebera algum madeiramento e tinha a defesa dos baluartes da artilharia; o resto eram casebres de páu tosco e palha, á moda do gentio da terra.

Vivia em tal meio João de Léry, e a manutenção de viver é comer. Participava o amigo de Calvino das panelladas de ostras trazidas á ilha pelos selvagens. Nem lhe faltava repasto de baleia, dado por um dos muitos cetaceos alcançaveis da ilha a tiro de arcabuz. De vez em quando vinham á folga na bahia, cansados, de alto mar, onde, na maior carreira, venciam só tres léguas maritimas por hora.

A baleia do repasto de Léry encalhou rumo de Cabo Frio e apodreceu no sitio em dois terços.

Muito da carne do cetaceo veio para a ilha, montes d'ella ao relento serviram de esterco. Derretido parte do toucinho, ainda ficou azeite para a illuminação. A lingua da baleia, salgada e em barris, teve a honra de ir para a Europa mandada de presente ao almirante Coligny, protector da França Antartica. As barbatanas talvez fossem uteis ás cintas das cinco raparigas francezas vindas ao Rio de Janeiro, em navio de nome gentil e orvalhoso — *Rosée*.

As indias, essas nada deviam ás brancas no que a mulher preza sempre e o homem não despreza nunca, a belleza. Vinham as indias ao forte e á ilha, desnudas, de sobrancelhas e palpebras pintadas, braceletes de osso branco nos braços, n'elles enrolados alvos collares, os borés.

Traziam os filhos, gorduchos mais que os meninos europeus, pedinchando anzóes de pescar.

Quasi anno já vivera Léry entre tupinambás. Vira-os ás voltas com a mandioca e o aipim, "raizes grossas como coxa masculina", emquanto os francezes tentavam nos campos brasileiros pôr a medrar o trigo e a cepa.

Bebia Léry, com grande prazer, o cauim ou milho fermentado, turvo, espesso qual borra, com gosto de leite azedo, côr vermelha ou branca. De infusão n'agua assucarada, era o cauim sorvido com gosto pela gente de Paicolás.

Parecia, porém, a Léry mais deliciosa a agua das fontes e rios do Brasil, lympha purissima, de beber a morrer.

Não ficavam Léry e os francezes do forte Coligny sem recreio, de viagem á ilha Grande ou á do Governador, em commercio de amizade frequente com os selvagens, presenteadores a seu modo.

Um coati, dado de mimo, pasmou os francezes, sobretudo pelo focinho, em canudo de gaita de folles, não se fartando Léry de colleccionar pennas azues e rubras da cauda das araras. Não sabia que em Paris um senhor da casa real o esperava para pedil-as e obtel-as, deixando-o sem lembranças da America.

Nem na ilha faltou morcego para chupar o sangue de Léry, no dedo minimo de um pé, curiosa a predilecção do morcego por aquelle dedo. Descansado da succção indesejada, padeceu Léry pelo bicho de pé, embora andasse calçado, e n'um só dia lhe extrahiram do corpo mais de vinte bichos.

João Calvino

fundador da seita que agitou a França Antartica.

Compensação a desgostos, a mesa da ilha podia estar sempre farta de frutas, e por "deliciosas" as tinha Léry. As indias d'ellas proviam a sobremesa franceza, trazendo ás costas ananazes, bananas e muitas outras frutas, a troco de um espelho onde se pudessem mirar e até de um alfinete; mas andando as indias nuas não se sabe bem onde o pregariam.

Os francezes da éra quinhentista, assim Léry, apreciavam o fumo ou petum, saciando e mitigando com elle a fome.

De vez em quando algum francez da ilha lá se ia entre os selvagens, acompanhado por interpretes da sua raça já familiarizados com a lingua dos selvagens. Chamavam-se trugimões e um d'elles servio a Léry, alcunhado pelos indios de Léry-assú ou ostra grande.

Gostavam os selvagens de carregar ás costas os francezes, por uma legua ou mais sem descansar, e fossem lá lhes dizer para tomar folego! Zombavam do conselheiro e mais do conselho. Não eram mulheres para desfallecer sob o peso e a Léry, entre mófa e orgulho, disse um indio: "Sou capaz de carregar-te o dia inteiro."

Sem saber os indios carregavam ás costas os trugimões normandos residentes entre elles e de prestimo aos compatriotas invasores.

Antes d'elles os indios enterravam os mortos com objectos de valor, mas não se desapegaram da crença que Anhangá, o genio do mal, não encontrando alimentos junto ás sepulturas, desenterraria e devoraria o defunto.

Até corrupção total do cadaver levavam, pois, ao tumulo grandes alguidares atochados de farinha, aves, peixes e carnes assadas, tudo acompanhado do cauim.

A' noite os trugimões normandos esgueiravam-se até á pitança e, com ella se fartando, confirmavam os indios na necessidade de continuar a dar de comer... a Anhangá.

Quem passasse pelas mattas topava com pequenas coberturas de folhas de pindoba. Erguiam-as os indios sobre as sepulturas de seus mortos. Não fossem, porém, mulheres passar por ellas: rompiam em pranto de éco ouvido a meia legua de distancia.

Mas não só com pitanças dos defuntos se regalavam trugimões: queriam levar adiante vida folgada e milagrosa, abusando de muitas raparigas sem que isso as infamasse. Casaram-se depois e não claudicaram mais, sob ameaças terriveis dos castigos de Villegaignon.

Aos poucos ia Léry dispensando o serviço dos trugimões: estudára a lingua indigena, escrevendo sentenças e lendo-as aos indios. Tomavam-o elles por feiticeiro, argumentando: se este *mair* (mairs chamavam os selvagens os francezes) hontem não sabia uma só palavra de nossa lingua como hoje se faz comprehender com as palavras escriptas n'um papel?

Já por si podia Léry responder affirmativamente ao indio que lhe perguntava se os homens ricos da Europa não morriam. Inquiria então o selvagem: e quando morre o rico a quem cabem os bens d'elle? Aos filhos, redarguia o interpellado, se filhos tem; na falta d'estes aos irmãos ou aos parentes.

Reflexionava o indio:

— Mairs, que grandes loucos sois! Aqui viestes affrontando o mar e não sem custo. Trabalhaes para ajuntar riquezas para filhos e parentes, mas vossa terra alimentando-vos bem os póde alimentar. Nós, selvagens, filhos temos, sabemos amal-os e estamos certos de que a terra depois de nutrir-nos os nutrirá, pelo que vamos n'ella descansar sem cuidados.

Não sem espanto ouvia Léry a pratica do selvagem, a zombar, com desdem e logica, dos transmigrados com fito de lucro e perigo de vida em busca do páu-brasil.

Com este muita fogueira fazia Léry, apreciando tal madeira naturalmente secca, queimando com muito pouco fumo, até tingindo indelevelmente. Um dos companheiros de Léry indo a lavar-lhe camisas brancas deitou na lixivia cinzas de páu-brazil, pelo que o dono das camisas brancas passou a usal-as vermelhas, côr de guerra.

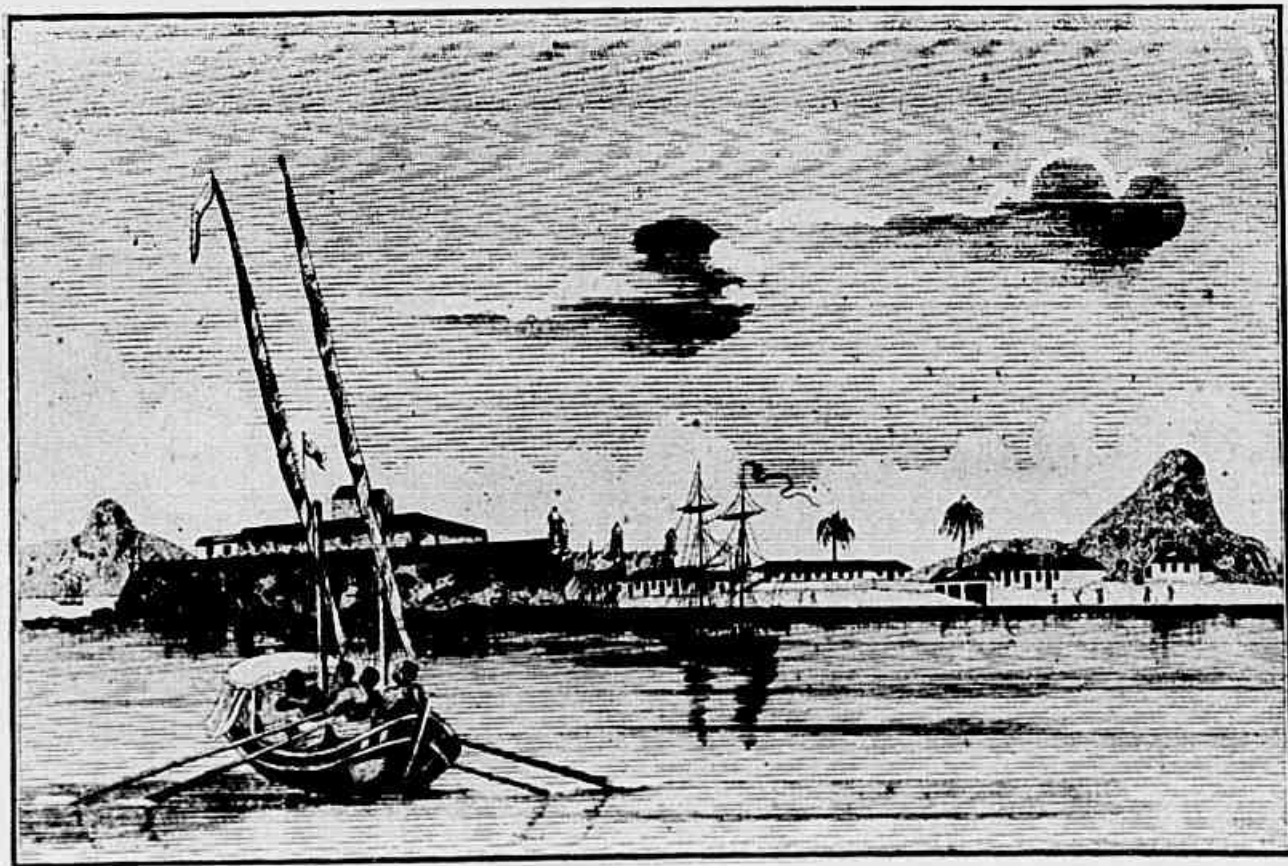
Em guerra contra Villegaignon acabaram Léry e alguns de seus companheiros, despedidos da ilha pelo chefe da França Antartica. Passaram para o continente, do lado esquerdo da bahia a meia legua da ilha, n'um sitio chamado da Olaria, permanecendo ahi dois mezes, em casebres construidos pelos francezes para suas pescarias.

Trataram, porém, de sahir da terra, fretando navio, o *Jacques*, por seiscentas libras tornezas. Viéra o *Jacques* da Europa, commandado por Fariban de Ruão, precedendo varias urcas, ou grandes e largas embarcações, que deviam trazer de Flandres á America, de amostra, setecentos ou oitocentos protestantes.

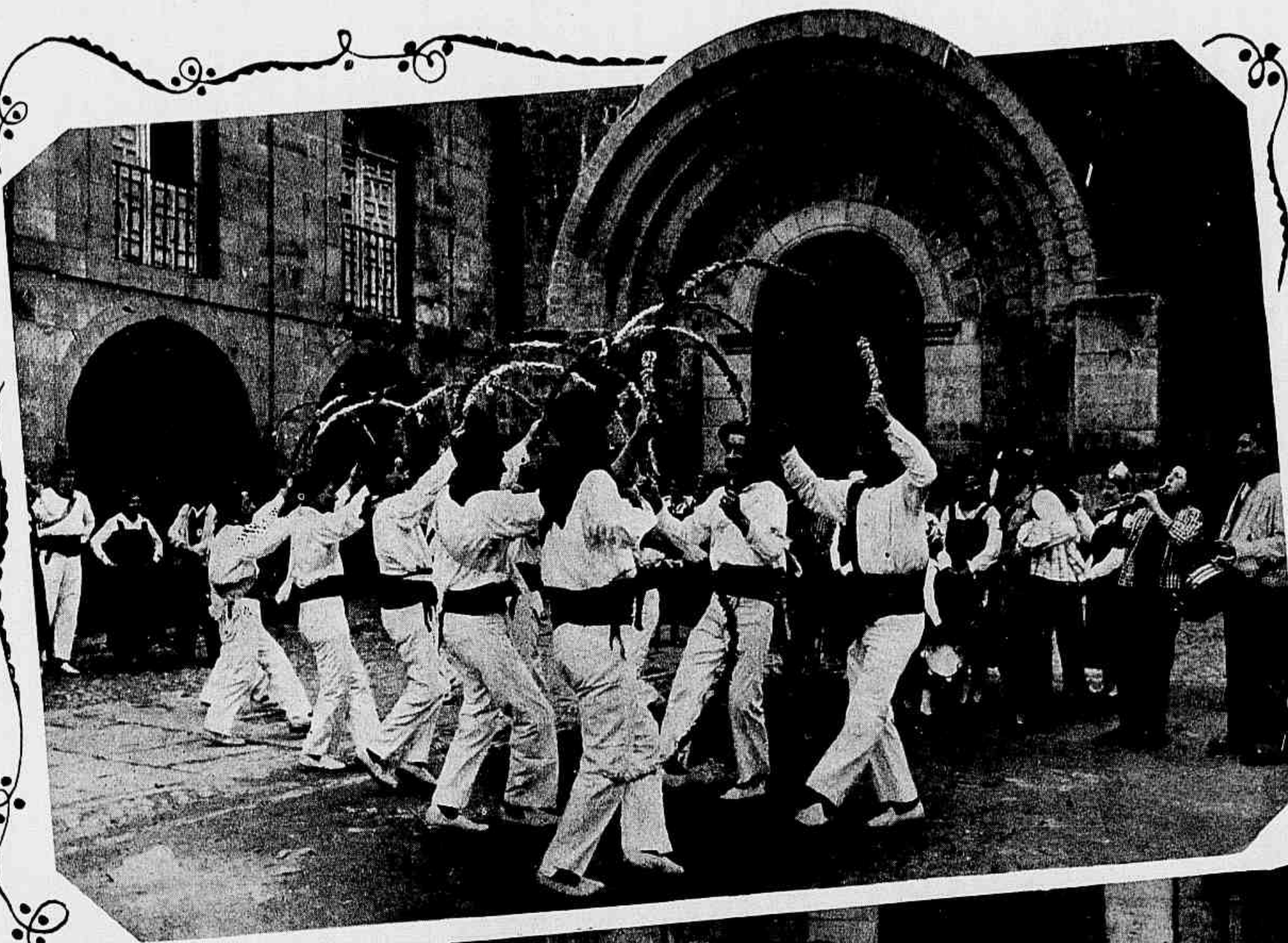
Fariban viéra escolher sitio para toda essa gente: desistio do proposito ante o proceder de Villegaignon. Acceitou, pois, o fretamento do *Jacques*, apezar de pequena capacidade, com vinte e cinco tripulantes. Quinze passageiros devia acommodar mais o navio, já estreito para vinte e cinco marujos.

O *Jacques* ainda começou a carregar, não querendo o capitão voltar com o barco de vasio. Entraram n'elle páu-brasil, o precioso *arabutan*, algodão em capulhos esverdeados, pimentões acri-vermelhos. Como se não bastasse era embarcada cousa viva: bugios e bugias com seus primos de fauna, os macacos; tambem papagaios não de tanto preço como aquelle papagaio que maravilhára Léry, domesticada a ave por uma india, apegada a seu cherim-babo ou coisa querida.

O bicho assobiava, dansava, pulava, arremedava os selvagens de partida para a guerra, a troco de pente ou espelho dado á dona. Mas, se esta mandava com aspereza "*augé*, pára!" emmudecia e immobilizava-se o bicho e nada ou ninguem lhe arrancava palavra ou movimento.

Com protestantes, marujos, páu-brasil, algodão e bicharia, 4 de Janeiro de 1578, o *Jacques* transpunha a barra do Rio. Léry, em adeus, confessava saudades da terra dos indios entre os quaes encontrára maior franqueza do que entre os patricios com rotulos de christãos. Mesmo em religião o vistoso dos rotulos não implica excellencia da mercadoria.

Escragnolle Doria

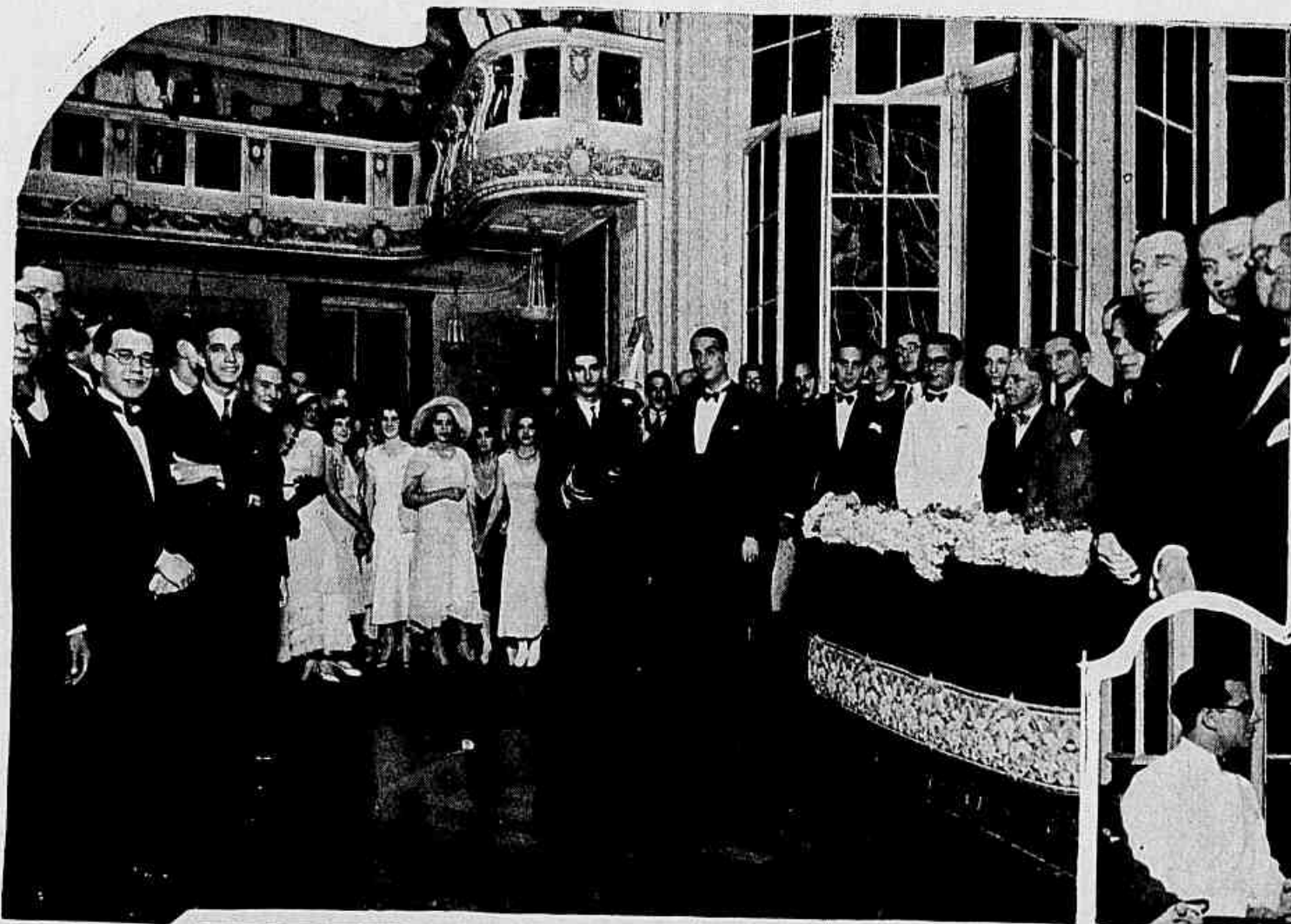
A fortaleza de Villegaignon, gravura antiga.

Os bailes typicos e encantadores da Espanha

1 — A popular dansa dos arcos, bailado typico de Santander, na Castella Velha. 2 — Ao compasso dos pandeiros vibrados pelas mãos nervosas das lindas filhas de Santander, os rapazes de Espanha dansam em frente da igreja. E não raro acabam levando algumas dellas, pela mão, aos pés do altar... 3 — Depois de terminados os bailes, os jovens de Santander cantam e depõem ramos de flôres no balcão onde se acham as bellas moças da região. Muitos delles têem a impressão de que vão escalando o céu e talvez haja algum, com visos de litteratura, que evoque a Roxane de Rostand...

4 — O popular bailado do valle *del Paz* que se realiza na praça do povoado, em Santander, e que é um dos mais typicos dessa região espanhola.

Photos J. Vidal (Madrid), exclusivas para a REVISTA DA SEMANA.

Botafogo — Fluminense

Dos jogos de domingo sobrelevou, pela importancia capital de que se revestia, o embate do Botafogo F. C. com o Fluminense F. C. Dependia desse encontro a conservação do Botafogo na leaderança da tabella. O alvi-negro, porém, empatando com o tricolor por 2x2, manteve-se á frente da turma, de modo a ser, já que não lhe podem mais arrebatar o bastão do commando, o campeão de 1930. *Ao alto*, os *teams* do Botafogo e do Fluminense. *A seguir*, dois aspectos do jogo.

A "Festa da Seringa"

A tradicional *Festa da Seringa*, realizada para despedida dos doutorandos da Assistencia que deixam a vida academica.

Os tres aspectos que aqui se vêem definem a linda reunião, que teve por theatro o salão nobre do Fluminense F. C.

As espadas do Exercito — deante do altar —

A benção das espadas dos primeiros-tenentes, ex-alumnos de 1922 e aspirantes das Escolas Militar e de Aviação de 1930, na igreja de Santo Ignacio. Ao lado, a entrega das espadas por monsenhor Aloisi Masella, nuncio apostolico. Em baixo, s. ex. o nuncio apostolico resando a missa ao ar livre. Por ultimo, um lindo flagrante da benção das espadas.

A mulher e o pyjama

POR BERILO NEVES

As mulheres sempre tiveram inveja ao que é privativo e caracteristico dos homens. Em todo o lento rodar dos seculos ellas não têm feito senão imitar-nos, roubando-nos aqui uma fórma de casaco, alli um modelo de collarinho, acolá um laço de gravata...

Desde o vestuario até ao modo de mentir, da calça ao vicio — é longa a série de privilegios de que ellas nos vêm despojando como se, com o pyjama ou com o cigarro, tambem se apropriassem da nossa masculinidade e do nosso sexo...

Eva, que sempre foi considerada pelos poetas e pelos tolos (que muitas vezes se confundem: tolos e poetas...) como a rainha do mundo e a obra prima da creação parece, pelo visto, muito pouco satisfeita da propria realeza... Não ha dama, por muito aristocratica ou formosa, que não se lastime, alguma vez, da insanavel inconveniencia de ser mulher — e muitas trocariam, de bom grado, a sua corôa de papel dourado pela existencia obscura e forte de um lavrador ingenuo...

Emquanto isso, qual o homem normal (e sadío) que já desejou, algures, ser mulher?...

E' que a Mulher não passa, em verdade, de uma imitação, escandalosa, do modelo Homem. O plano inicial da Creação não incluia a Mulher. Esta foi feita á ultima hora, para contentar um desejo inepto de Adão. Ella nasceu de um sonho ingenuo e de uma inexperiencia fantasiosa... E desde esse primeiro dia (cheio de sol e de esperanças) jamais deixou a mulher de invejar, surdamente, ao seu senhor e paradigma...

O pyjama é uma prova historica dessa inveja subtil. O pyjama foi no começo, como o cigarro e como a bengala, um distinctivo de masculinidade. Uma creatura vestida nessa roupa leve (e cheia de alamares como a dos officiaes das armas) havia de ser, fatalmente, um homem. Isso era, para o nosso sexo, tranquillizador e decisivo. Em casa, na intimidade da vida domestica, o pyjama separava as funcções, delimitava as fronteiras. Onde havia um pyjama — não deviam entrar donzellas... Onde havia uma donzella — não deviam entrar pyjamas...

As cousas mudaram, porém, como as idéas e as preferencias das mulheres. Ellas gostaram do nosso pyjama e entraram a cogitar num meio de nol-o esbulhar. O Carnaval deu-lhes o ensejo e o pretexto. Como o Carnaval é a inversão dos habitos (e, não raro, de gostos) esperaram o reinado de Momo e metteram-se, sem ceremonias, no pyjama sonhado. Acharam-se lindas, algo mais provocadoras do que nunca, e passaram a usal-o na alcova, com o intuito expresso de impressionar o marido ou quem suas vezes fizesse... Cansaram-se de o esconder na alcova (as mulheres detestam o meio-termo) e trouxeram-no, arrastado e cheio de vergonha, para a luz escandalosa das praias... O pyjama, que era essencialmente domestico como o chinelo, surgiu em publico, atravessou as ruas, entrou em contacto com a poeira dos vehiculos e a pedrinha dos passeios elegantes... Elle nunca se viu — coitado! — em tão maus lençóes...

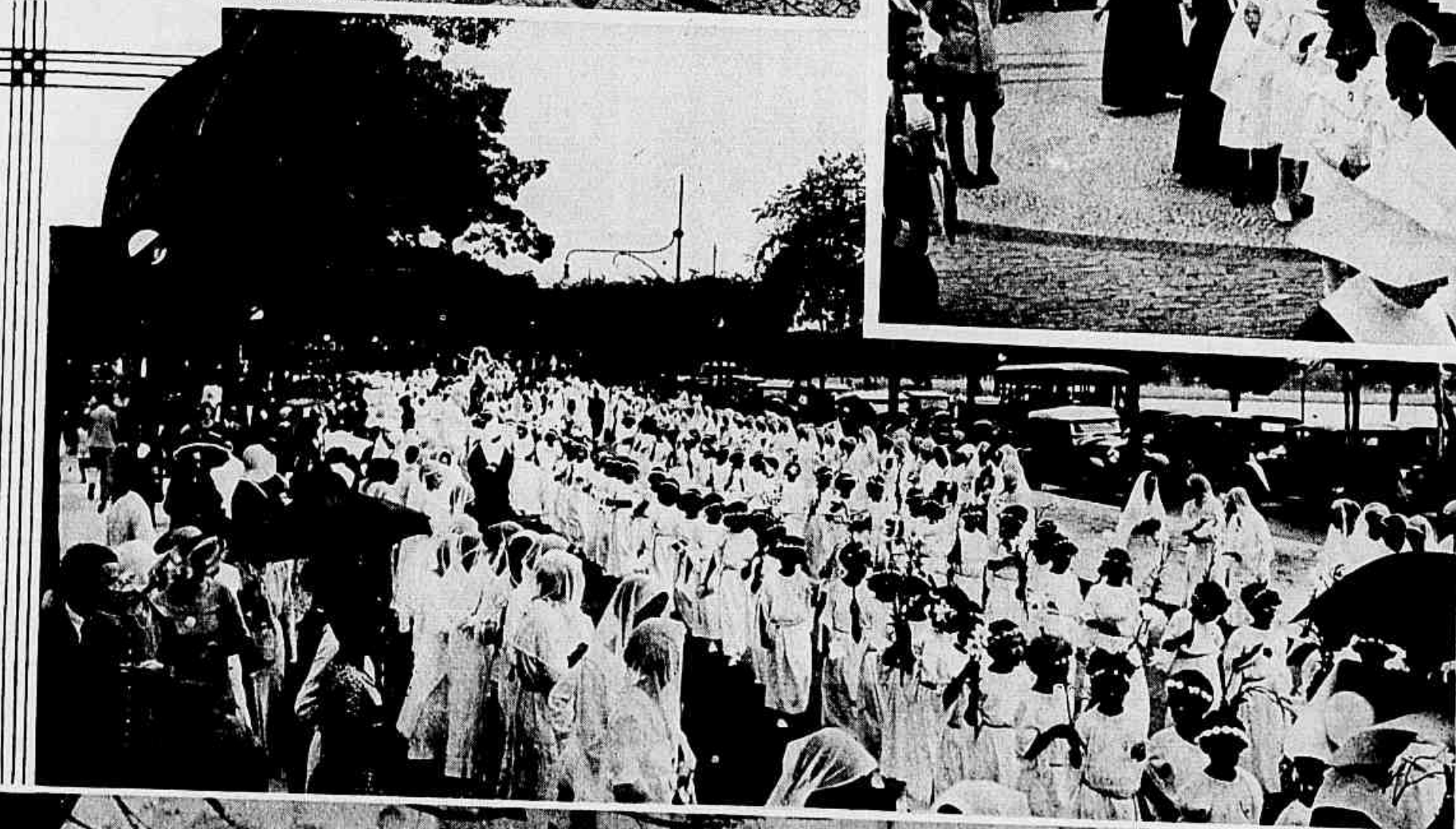
Um dia, vel-o-emos — quem sabe? — nos salões de baile, entre casacas austeras... Porque todas as cousas que as mulheres nos roubam tornam-se facilmente, desvirtuadas de suas funcções, desirmanadas de seus destinos... A bengala, que era uma arma, forte como um fuzil, ameaçadora como um punhal, transformou-se na badine flexivel, que mal serve para espanar a poeira das botas; o cinto, que era de couro, e chapeado d'aço, adelgaçou-se como uma linha e enfeitou-se de seda fina; o sapato, que era de ferro ou couro bruto, fez-se um brinquedo infantil, com uma folha de papel por baixo á guisa de sola... O collarinho, a gravata, o *paletot*, toda a indumentaria masculina de que as mulheres se apropriaram tornou-se, de repente, irreconhecivel e extranha...

O proprio pyjama perdeu a sua physionomia tradicional de intimidade, para se transformar em um trajo de luxo, tão caro como um vestido de baile, tão sensacional como uma *fantasia* carnavalesca... Um homem de pyjama sentir-se-ia meio deshonrado se um acontecimento imprevisto o fizesse apparecer em publico, em plena rua. O pyjama era irmão da camisa de dormir e dos chinelos de trança. Dentro delle o corpo perdia a sua individualidade e todo se refestelava como os pés nús em seguida a uma longa estadía em sapatos de verniz... As pernas dansavam tragicamente dentro das suas largas calças acolhedoras... E o thorax mais amplo perdia-se nas dobras, amplissimas, do seu *paletot* quasi cosmico...

Com as mulheres, o pyjama mudou de aspecto, e de funcções. Fez-se elegante, luxuoso, exigente e sensual. Abandonou o quarto de dormir pela sala de visitas. Deixou de ser um artigo de necessidade para se transformar em uma inutilidade brilhante e carissima.

O pyjama feminino nada tem, entretanto, dessas demasias de espaço e de fórmas... Vestindo a Mulher, elle se fez menor, e mais bello. Ha saliencias deliciosas á altura dos alamares e uma curva de fazenda na linha meridiana da cintura. As proprias calças são menos bamboleantes, e o pézinho que dellas sáe é mais gordo e menos ridiculo... As linhas curvas resaltam, graciosamente, do panno fino e macio. Uma mulher que persiste desgraciosa e sem attractivos dentro de um pyjama é um caso incuravel de feiura e miseria physica...

Eva sabe disso... E, em breve, os homens passarão a usar camisa de dormir, para se não confundirem com as suas legitimas esposas... Uma roupa que faz as mulheres mais tentadoras é uma roupa perdida... para os homens.

IMMACULADA CONCEIÇÃO

Aspectos da procissão de N. S. da Conceição que, sahindo da igreja da Immaculada Conceição, á praia de Botafogo, percorreu no domingo ultimo grande parte da avenida Beira - Mar.

AMIGUINHAS

por

João Luso

E' noção antiquissima que as mulheres não sabem, não podem ser amigas umas das outras. Essa especie de verdade axiomatica, ellas mesmas a proclamam, quando se referem á amizade dos homens entre si. E, na amizade que os homens cultivam e as mulheres não são capazes de entreter, vêem ellas uma das razões, talvez a mais poderosa, talvez a unica realmente significativa, por que o sexo feio se mantém ainda forte e o bello sexo, por mais que faça gymnastica e se abebere de idéas, parece condemnado á condição de fraco, irremediavel e eternamente...

Atribuem-nos tendencias e faculdades de identificação, solidariedade, dedicação reciproca e integral, que ellas se julgam incapazes de imitar. Ha sobretudo uma coisa que as surprehende e as enche de inveja: a sinceridade ardorosa com que nos defendemos uns aos outros, quando accusados por ellas; e aos seus olhos encobrimos as faltas que os outros cometteram; e, ante as suas queixas ou accusações, procuramos argumentos e estratagemas, capazes de formar ou simular uma justificação; e em tudo e para tudo sustentamos o sagrado principio da cumplicidade. E' sem duvida nesses momentos que ellas mais nos detestam — e nos admiram. "Está claro! exclamam, recorrendo á ironia, uma vez que todas as outras armas lhes falharam. — São amigos, é quanto basta! Fizessemos nós o mesmo e outro gallo nos cantaria!" Assim ellas, ao mesmo tempo que prestam homenagem á nobreza e efficacia da nossa amizade, sem rebuço se declaram insusceptiveis de a imitar.

Da amizade dos homens se contam exemplos maravilhosos — maravilhosos para nós mesmos, quanto mais para ellas! A historia de Damão e Pythias atravessa os seculos, como uma série de feitos progressivamente alevantados: sublime quando Damão se presta a ficar pelo amigo condemnado á morte; ainda mais quando Pythias se apresenta, no exacto momento da execução; mais ainda quando Dionysio pede para o admittirem como terceiro em tal união e os dois altivamente, ciosamente repellem o tyrano. Que nos conste, nada a Historia regista de tão impressionante sobre a amizade entre mulheres, em quem a Condessa de Ségur verificou o dom de sentir a amizade perfeita — mas pelos homens. E onde lhes emprestou a Ficção sentimento comparavel ao que Euripedes foi buscar á Mythologia para immorredouramente o decantar em Pylades e Orestes? E de que deuses nasceram duas irmãs tão divinamente amigas como os filhos de Jupiter e Leda que se chamam Castor e Pollux? Realmente, nem os Annaes apresentam, nem a Poesia exalta, nem a Astronomia faz esplender um unico sentimento feminino comparavel áquelles que os homens espalham e multiplicam quer no mundo das realidades quer nos mundos da fantasia.

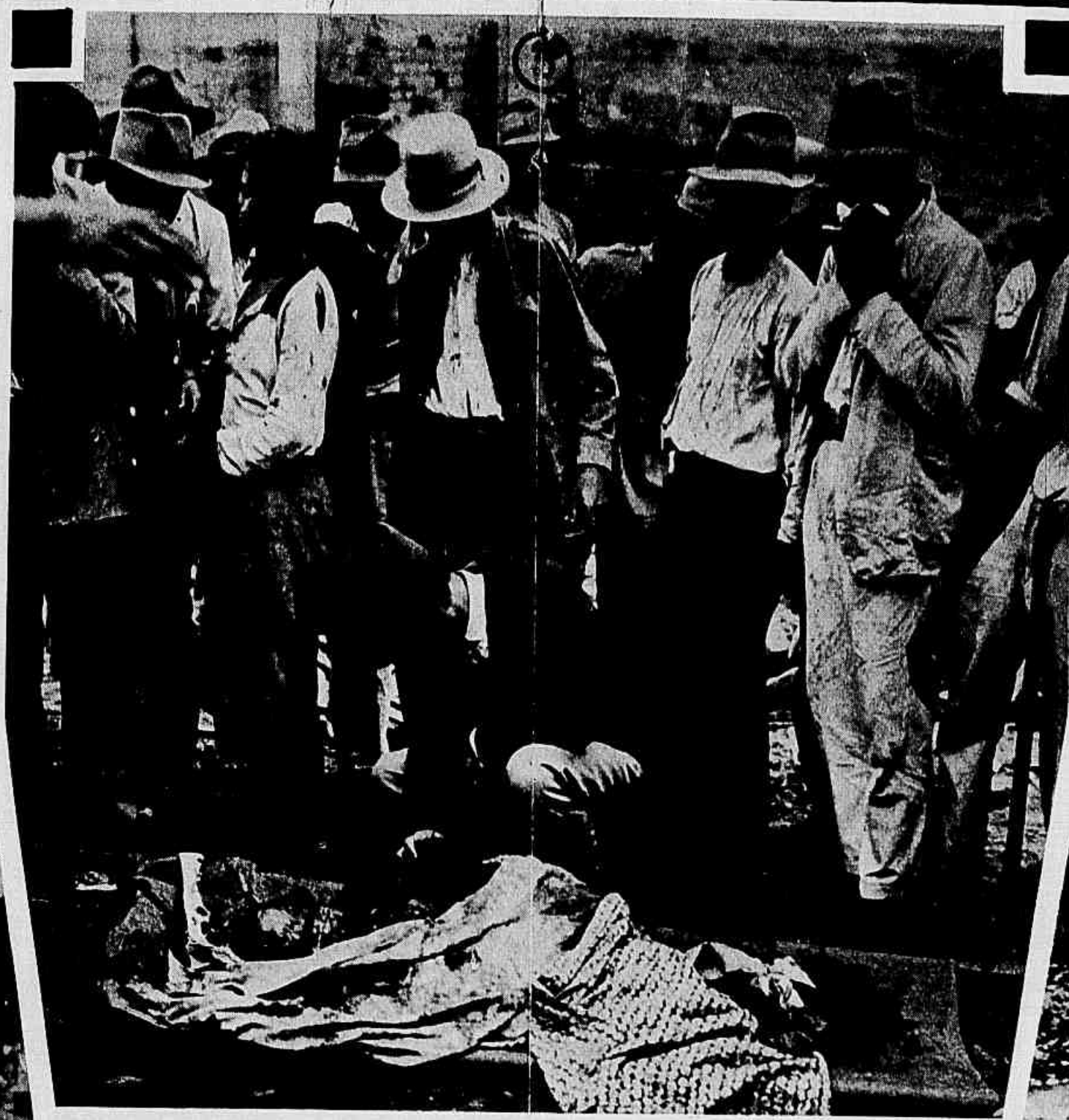
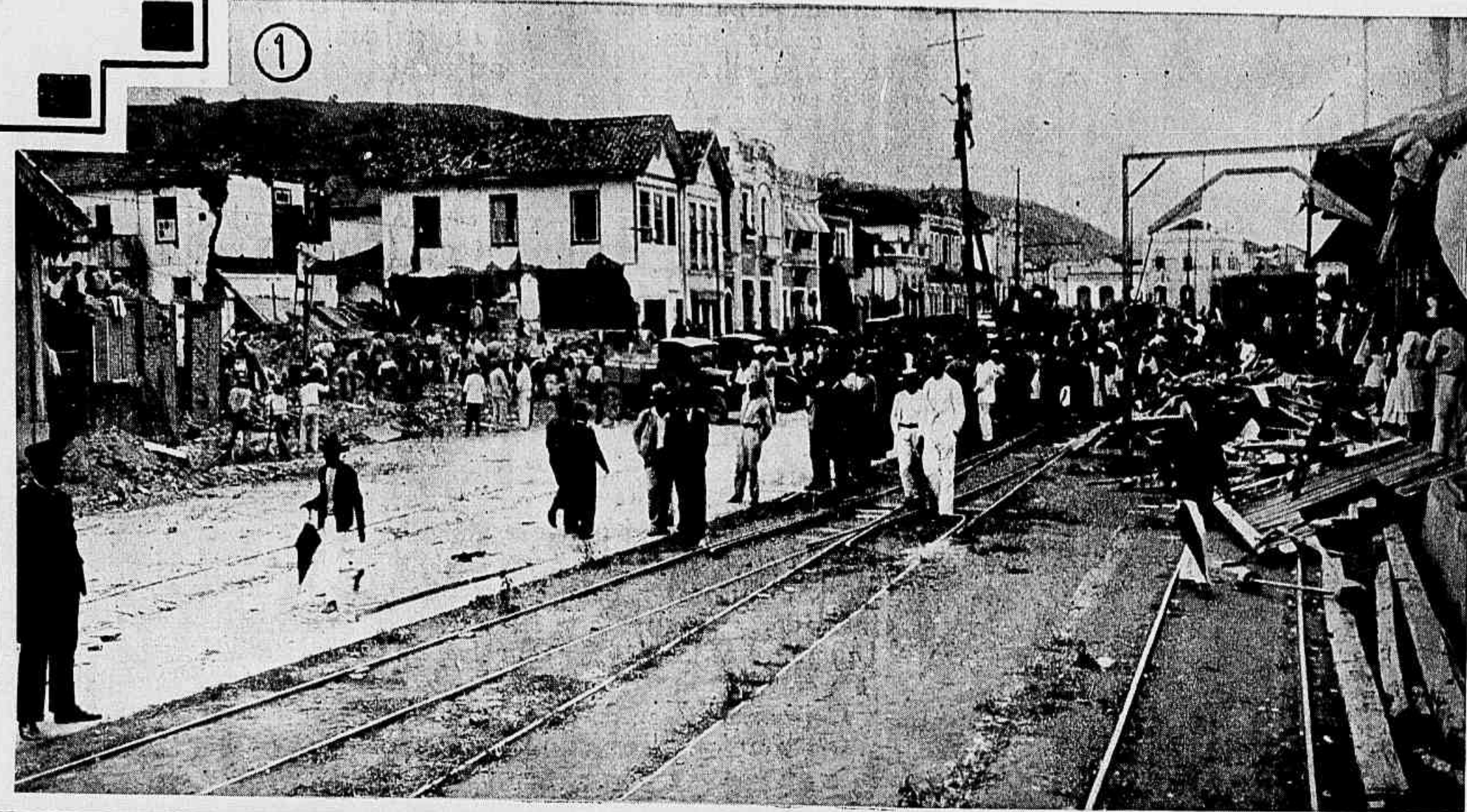
No entanto, a minha impressão pessoal é que as mulheres, quando amigas, se estimam e querem muito mais que todos os barbados e todos os escanhoados da outra metade do genero humano. A minha observação e o meu raciocinio repellem o conceito universal que as diminue, roubando-lhes aquelle attributo do coração. Não, a amizade não constitue um privilegio dos homens — e se as mulheres, co-

momento, aquella affinidade suave, enternecida que para sempre as deve prender. A faisca de amizade que do seu inicial contacto resulte nunca mais, entendem ellas ou, mais propriamente, sentem ellas, se poderá apagar. Assim, mal travaram relações — com excepção das refinadas, das resequidas que, na mentalidade como no cigarro e na affectividade como nos cocktails, acompanham os homens e a sua maneira de ser — mal trocaram quatro palavras, já, ao despedir-se, trocam requintes de familiar, fraternal affectuosidade. Aquillo que, nas relações masculinas, exige condições absolutamente imperiosas ou momentos absolutamente culminantes, nellas se produz, e se affirma, e se repete, com a mais comesinha facilidade. Assim os homens só nas grandes solemnidades ou nas grandes commoções se osculam, e ainda rapidamente, de fugida, com uma especie de pudor ou de receio, como na duvida — se em tal caso não peccará por descabida ou exagerada aquella formula de affeição... Como isso patenteia a nossa mesquinhez e indecisão em querer bem, comparadamente á abundancia e á espontaneidade, á exultante e impetuosa liberalidade com que ellas se beijam, e se beijocam, e repenicam a meiguice dos labios nas faces, em correspondencia com a jubilosa permuta dos corações! Deixemos falar a Historia, a Poesia, a Lenda e todas as vozes da Tradição. As mulheres se identificam, se irmanam não só muito mais depressa mas ainda mais profunda e firmemente do que nós. Basta dizer que nem tudo — recordemo-nos e reflictamos bem — nem tudo nós confessamos aos nossos melhores, amigos; emquanto que ellas, mal passam de simples desconhecidas, tudo se contam e se confiam, deixando de ter umas para as outras qualquer especie de segredos. E' a confiança absoluta, a harmonia impeccavel, a perfeita amizade. E, desde que duas mulheres assim ficam uma para a outra, nada pode destruir nem de leve perturbar tal accordo — a não ser que ambas venham a gostar do mesmo homem...

O que, infelizmente, quasi sempre acontece.

mo ha pouco recordei, propalam o contrario, é sem duvida por astucia, por estrategia, para melhor nos combater e vencer — como infallivelmente vencem. A amizade começa por ser uma palavra feminina. E com certeza se originou na alma das mulheres. No que eu não acredito muito profundamente é na amizade das mulheres pelos homens ou vice-versa. E, se a autora das *Mémoires d'un âne* pretendeu estabelecer, ha um seculo, a perfeição naquella modalidade sentimental, o requintado escriptor e philosopho subtilissimo dos nossos dias Jules Renard categoricamente lhe responde que "entre a mulher e o homem, a amizade só pode ser um passadiço para o amor". Não, a amizade, a grande, a estreme, a perfeita amizade das mulheres é a que ellas se consagram e a cada momento se provam umas ás outras.

Tão generosamente expansivo e tão impeccavelmente mutuo se torna esse condão feminino que, para se exercer, dispensa todas as formalidades a que os homens não podem deixar de submetter a mais ligeira sympathia. Nas mulheres, não ha as reservas que estudam, analysam, exigem provas e de mil maneiras previnem contra a possivel decepção. Incondicionalmente ellas se offerecem e consagram a sua bemquerença. A's vezes, a maior parte das vezes, dois minutos depois de se conhecerem estão já intimas. E' questão de sentirem, no primeiro

A TRAGEDIA DE PORTO NOVO DO CUNHA

Uma parte do cadaver do dr. Mario Stuart

Porto Novo do Cunha, pacifica cidade do Estado de Minas Geraes, foi theatro de horrivel tragedia: uma formidavel explosão que, abalando a cidade toda, abateu casas, causou innumeros prejuisos materiaes e — o que peor foi — victimou vinte e oito pessôas, deixando feridas vinte e sete. A explosão verificou-se no deposito de munições das forças revolucionarias. 1 — Aspecto do local do sinistro, vendo-se do lado direito os estragos causados no edificio da Leopoldina. 2 — A remoção do entulho
no local da explosão. 3 — A descoberta de parte do corpo do dr. Mario Stuart. 4 — Operarios trabalhando sobre os
escombros do predio que servia de deposito ás munições e que foi arrasado juntamente com os contiguos. 5 — O
sahimento dos ataúdes de algumas das victimas, do Hospital São Salvador. 6 — A chegada do corpo do major Ma-
nuel Lerac — victima da explosão — á estação da Leopoldina, em Nictheroy. Segurando na primeira alça á direita,
o major Mury e á esquerda o capitão Martinho. 7 — Aspecto da sala das sessões da Camara — em Nictheroy — por
occasião dos funeraes do major Manuel Lerac e sua esposa, d. Antonieta Valdetaro Lerac — victimas da explosão.
Vê-se monsenhor Xavier ladeado pelos irmãos do major Lerac e mais pessôas da familia, após a encommendação dos
corpos. 8 — Grupo no cemiterio de Maruhy, em Nictheroy, á chegada dos esquifes com os despojos do
major Lerac e de sua esposa.

ANNIVERSARIOS

Dia 13 — as sras. Maria Barbedo de Vasconcellos e Luisa dos Santos Gomes; a senhorinha Olga Franklin de Almeida Lima; os srs. Bento de Barros Pimentel e Alvaro de Paiva Castro Araujo.

No dia 14 — senhora Luis Potyguara; as senhorinhas Natercia Mayrink Lessa, Maria da Conceição Pereira, Nair Tinoco, Maria de Lourdes Corrêa da Costa, Maria Luiza Brasil, Maria Dias Leite; os drs. Mario Muller de Campos, o sr. Guilherme Perez da Silva.

No dia 15 — a sra. Maria de Sá e Albuquerque, esposa do illustre dr. Olympio de Sá e Albuquerque, juiz federal da 1.ª vara; a sra. Risoleta Moura Bandeira, distincta esposa do nosso collega dr. Waldemar Bandeira; a senhorinha Maria de Lourdes Valladão; os drs. Lourival Souto, Irineu Machado, Mario Brant, Simões Barbosa, Aristides Vieira e João do Rego Barros.

No dia 16 — a sra. viuva Rivadavia da Cunha Corrêa; as senhorinhas Alice Homero Baptista, Jandyra e Sylvia Franchini, Maria Cecilia Tatti de Oliveira; o dr. Paulino Werneck.

No dia 17 — as sras. Abigail Pereira Guimarães e Leonor Baptista da Silveira; os drs. Alberto Braune, Manoel Lazary e Armando Negreiros.

No dia 18 — as sras. Moema Xerez e Maria Luiza da Costa e Silva; as senhorinhas Laura Carneiro da Cunha, Maria Antonia Luiz Alves e Lecturia Iannuzzi; o notavel esculptor Rodolpho Bernardelli; os srs. Euzebio de Queiroz e Constancio Monnerat, o coronel Lopes de Azevedo.

No dia 19 — a sra. condessa de Leopoldina; a senhorinha Lucy da Camara Barreto; os drs. Soares Pereira, Carlos Seidl Filho, Eduardo Meirelles e Antonio Dias de Barros.

NOIVADOS

— a senhorinha Ida Cerqueira e o dr. Antonio Magalhães da Cruz;

— a senhorinha Idalice Contreiras e o sr. Theophilo Bastos;

— a senhorinha Judith Rodrigues de Castro e o tenente do Exercito Ary Fernandes de Britto;

— a senhorinha Geny Rangel e o sr. Eduardo Beherensdorg;

— a senhorinha Marina Fernandes e o sr. Milton Sant'Anna Soares.

CASAMENTOS

— a senhorinha Maria da Gloria Hatfield e o capitão Mario de Souza Vieira;

— a senhorinha Haydée Xavier da Silveira e o 1.º tenente da Armada Herman Gonçalves Martins;

— a senhorinha Benildes Ferreira Lima e o sr. Carlos Oliveira Chagas;

— a senhorinha Gabriella Monteiro de Castro e o sr. Helydio da Silva Guimarães

— a senhorinha Darlette Freire Salgado e o sr. Renato Felippe dos Santos.

DIPLOMATAS

Foi transferido pelo governo do Mexico para Washington, no posto de Conselheiro, o sr. Pablo Herrera de Huerta, que aqui exercia as funcções de encarregado de negocios do seu paiz.

A gentilissima senhorinha Lucia Lobo, festejada declamadora, cujo recital de poesias se realizará na tarde do proximo dia 18, no Instituto Nacional de Musica. A linda festa de arte da joven declamadora patricia está sendo ansiosamente esperada pelo nosso *grand-monde*.

Seguiram e chegaram: — pelo *Duilio*, para Madrid, o ministro Luiz Guimarães Filho; para a Republica Argentina pelo *Cap Arcona*, o embaixador Mora y Araujo; pelo *Arlanza* chegou, acompanhado de sua familia, o dr. Arthur Guimarães de Araujo, nosso ministro na Bolivia.

OS QUE VIAJAM

Acham-se no Rio de regresso de sua viagem á Europa os ex-deputados federaes Daniel de Carvalho e Ranulpho Bocayuva.

❀

Partiu para a Europa com destino a Paris o sr. Henrique Cavalleiro.

MUSICA

Notavel concorrencia segunda-feira ultima no Municipal. Annunciava-se um grande concerto, Bidú Sayão — Guiomar Novaes.

E assim foi que as duas grandes artistas se fizeram ouvir para um mundo selectissimo e numeroso que as applaudiu enthusiasticamente.

O programma escolhido pelas grandes artistas foi dos mais felizes, tendo sido bisado quasi todos os numeros.

FESTIVAES DE ARTE

Realisar-se-á amanhã, no Theatro Municipal, um brilhantissimo festival de arte, em pról do resgate da divida externa do Brasil. O programma é uma expressão de arte. Nelle destaca-se a opera *Soror Angelica*, de Puccini, que será cantada por senhoras e senhorinhas do nosso *grand-monde*, entre as quaes se encontram estes nomes consagrados: Italia Cortez, Gulnar Bandeira Stampa, Edméa Montanari, Ninita Lutz, Mallet Laport, e outros mais de egual valor.

Todo o preparo da opera, assim como a sua regencia, está a cargo do maestro Salvatore Ruberti. O festival terá o patrocinio de illustres damas da nossa alta sociedade. Tudo, portanto, leva a crêr que a *soirée* de amanhã no Municipal resultará num dos maiores acontecimentos artisticos e elegantes de 1930.

EXPOSIÇÕES

A nota distincta de domingo foi o encerramento da exposição de Gilberto Trompowsky, no Palace Hotel.

Foi uma verdadeira festa de arte, a que não faltou um captivante caracter de elegancia mundana com a presença das figuras de maior relevo nas letras, na diplomacia, na politica e na alta sociedade.

HORAS DE ARTE

Atlantico Club, o conhecido *cercle* de Copacabana, offereceu, domingo á noite, uma ligeira *Hora de Arte* aos seus associados, seguida da costumada domingueira. O programma, embora pequeno, foi cuidadosamente escolhido.

❀

Realizou-se com grande exito quinta-feira ultima, no João Caetano, o recital de dansa patrocinada pela Cruzada Feminina do Brasil Novo, que a bailarina poloneza Maryla Greno offereceu em homenagem á senhora Getulio Vargas.

A partida do Rio de Janeiro do dr. Gregorio Reynolds, encarregado de Negocios da Bolivia. Vê-se assignalado o illustre diplomata — que é tambem o principe dos poetas da Bolivia — entre pessôas de sua familia e amigos.

O banquete aos generaes da Victoria

O Exercito homenageou os generaes da Victoria — que fizeram a jornada do 24 de Outubro — offerecendo-lhes um almoço no Casino do 1.º Regimento de Cavallaria Divisionaria. Vêem-se sentados, no primeiro plano da direita para a esquerda, os generaes Pantaleão Telles, Leite de Castro, Menna Barreto, Tasso Fragoso e Firmino Borba, homenageados.

A benção das espadas dos novos officiaes da Armada

Ao alto: Sua Eminencia o Cardeal d. Sebastião Leme abençoando as espadas dos novos guardas-marinha, na matriz da Candelaria. Ao lado: o sr. d. Sebastião Leme ao retirar-se da igreja da Candelaria, após a benção das espadas. Em baixo: grupo dos novos officiaes da Armada, na sacristia da Candelaria, vendo-se ao centro do grupo o Cardeal d. Sebastião Leme, que tem á direita o almirante Isaias de Noronha, ministro da Marinha.

O DIA DA PATRIA

O sabbado ultimo foi consagrado por senhoras da alta sociedade á patriotica missão de angariar donativos para resgate da divida nacional. Foi o Dia da Patria. Grupos elegantes de senhoras e senhorinhas pedíam para o Brasil, e muito fizeram, porque bem poucos se recusaram a contribuir com um óbolo para a obra meritoria de resgate da divida da Nação.

A BENÇÃO DAS ESPADAS DOS NOVOS CONTADORES

Na basilica da Therezinha de Jesus, por occasião da ceremonia da benção das espadas dos contadores do Exercito que terminaram o curso. *Ao alto*, os novos contadores e suas madrinhas diante do altar da santinha de Lisieux. *Ao lado*, s. ex. o bispo d. Mamede abençoando as espadas dos novos officiaes contadores.

Flagrantes tirados na Escola Profissional "Rivadavia Corrêa", na inauguração da mostra de trabalhos das alumnas. Na photographia ao alto da pagina vê-se a senhora Getulio Vargas, esposa do chefe do Governo Provisorio, entregando o premio "Irineu Marinho" á senhorinha Davina Sampaio Rabello, a alumna mais distincta. Vêem-se no grupo os drs. A. Bergamini, interventor federal, e Raul de Faria, director da Instrucção, e — ao lado da senhora Getulio Vargas — a professora Benevenuta Ribeiro, directora da Escola. A seguir: exercicios de gymnastica por uma turma de alumnas, e dois aspectos tirados numa das salas da exposição e na cozinha da Escola, vendo-se em ambos a senhora Getulio Vargas, a viuva Irineu Marinho, a directora da Escola e os srs. Interventor e director da Instrucção.

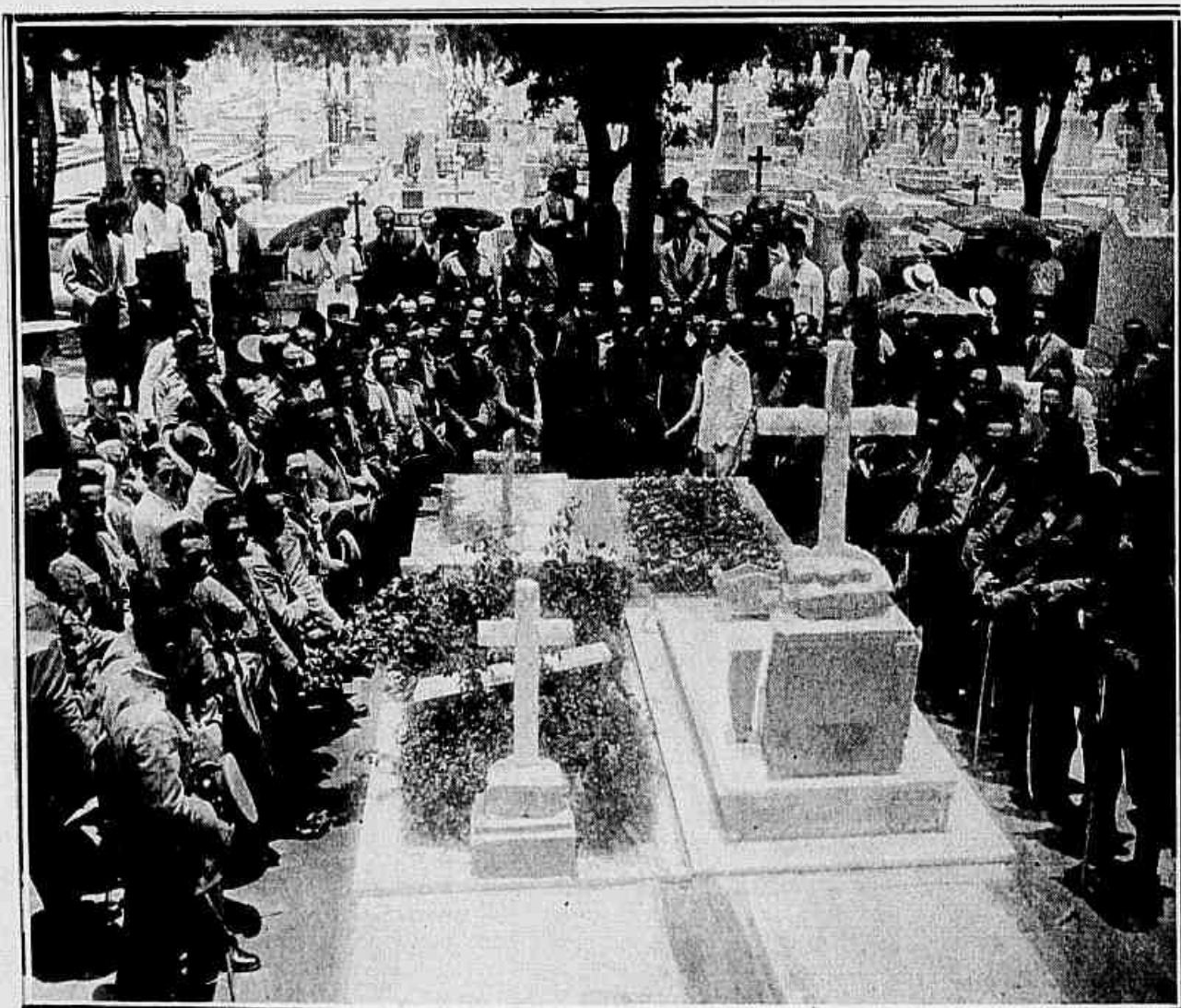
NOTICIAS E COMMENTARIOS

O regresso ao Rio da familia do dr. Baptista Luzardo, chefe de Policia. Photo tirada a bordo do "Commandante Ripper", vendo-se o dr, Luzardo, a senhora Adelaide Luzardo, sua esposa, e os dois filhos do casal, rodeados de familias amigas.

O desenho acima representa a capa do Album da Revolução da *Revista da Semana* que já se acha á venda. Esse album, de mais de cem paginas, todas em papel *couché* e do formato da *Revista,* contém toda a reportagem dos acontecimentos revolucionarios que se desenrolaram nesta capital, bem como paginas especiaes de episodios da jornada libertaria nos Estados do Amazonas, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Espirito Santo, E. do Rio, São Paulo, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul e Minas Geraes. Essas paginas são uma reedição das que publicámos na *Revista da Semana*, e reunimol-as em album em razão de se haverem exgottado os nossos numeros communs e especiaes referentes á Revolução. O preço do album é de 4$000 para o Brasil todo.

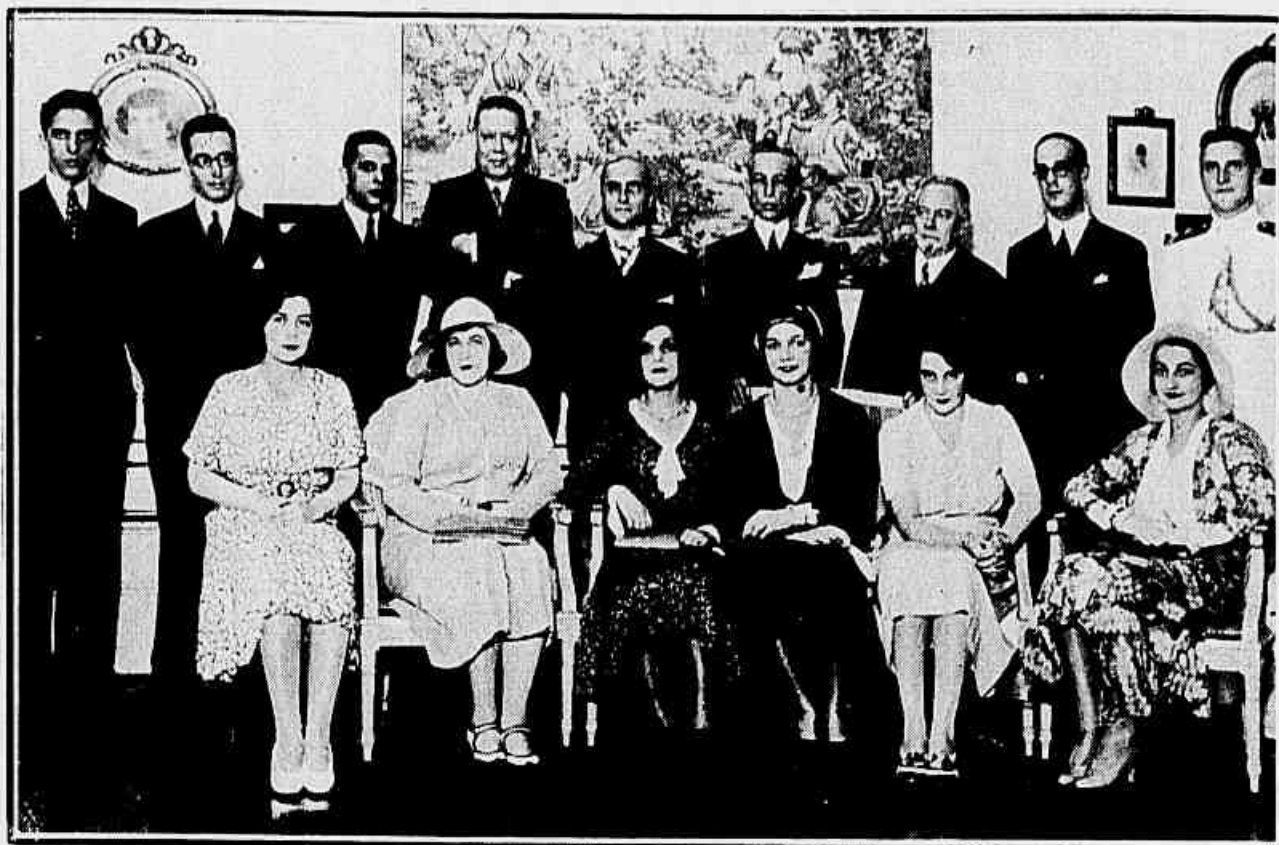
Rehabilitação do Salgueiro

O Rio teve tres morros que se celebrizaram: o da Favella, o da Mangueira e o do Salgueiro. O primeiro perdeu a celebridade, em razão do desapparecimento das suas casas exoticas de táboas de caixotes e latas de kerozene. Os dois ultimos continuam a servir de thema ás canções populares, indicados como reductos irreductiveis — deixem passar o paradoxo... — dos sambas suggestivos.

O morro do Salgueiro, entretanto, parece que vae ter outra razão de monta para ser celebre, de vez que se descobriu

Os ex-alumnos da Escola Militar de 1922 — hoje 1ºs. tenentes — após a benção das suas espadas, foram, em romaria, ao tumulo do saudoso general Xavier de Brito. A photographia mostra os jovens revolucionarios do primeiro 5 de Julho na necropole, junto do tumulo do antigo commandante da Escola Militar.

O almoço annual dos advogados realizou-se pela terceira vez, com uma concorrencia extraordinaria, congregando numa festa de cordialidade ministros, magistrados e advogados. Vê-se aqui um grupo tirado na grande reunião, figurando no primeiro plano os ministros do Supremo Tribunal Federal, Leoni Ramos, Godofredo Cunha, Pires e Albuquerque e Rodrigo Octavio, todos á direita do dr. Levi Carneiro, presidente do Instituto da Ordem dos Advogados, que presidiu ao almoço.

A *soirée* dansante em commemoração do 35.º anniversario da "Sul America", promovida pelo Club Recreativo Salic e realizada nos salões da Ass. dos Empregados no Commercio.

Banquete offerecido no Club Naval por officiaes da nossa Armada aos seus collegas do *dreadnought* "São Paulo", revolucionarios de 1924. Ao centro do grupo vê-se o almirante Protogenes Guimarães rodeado pelos officiaes readmittidos e figuras de nossa Marinha de guerra.

O almoço offerecido na Legação do Uruguay, pelo sr. ministro Ramos Montero, á Embaixada especial brasileira que, sob a chefia do sr. Mauricio de Lacerda, foi a Montevidéo. Vêem-se no grupo o sr. ministro do Exterior e senhora Mello Franco; o sr. Dionisio Ramos Montero; ministro do Perú e senhora Victor Maurtua; o sr. Mauricio de Lacerda, sua senhora e seus dois filhos; e o representante do addido naval á Embaixada — capitão-tenente H. Cascardo.

O comicio dos "sem trabalho" no Largo de S. Francisco. O Governo Provisorio, que creou o Ministerio do Trabalho, resolveu estabelecer por toda a cidade postos de registro, afim de apurar o numero dos que se acham sem occupação e poder, mercê do conhecimento perfeito da cifra, adoptar as providencias necessarias.

A commemoração do 13.º anniversario da Republica da Finlandia. Grupo tirado após o banquete offerecido pelo sr. ministro da Finlandia a figuras do Corpo Diplomatico e da nossa sociedade.

Banquete offerecido ao marquez Takugawa e senhora na Embaixada do Japão.

nas suas terras um poço de kerozene. Não é historia de fadas. E' um facto positivissimo, constatado, inclusive, pela analyse chimica.

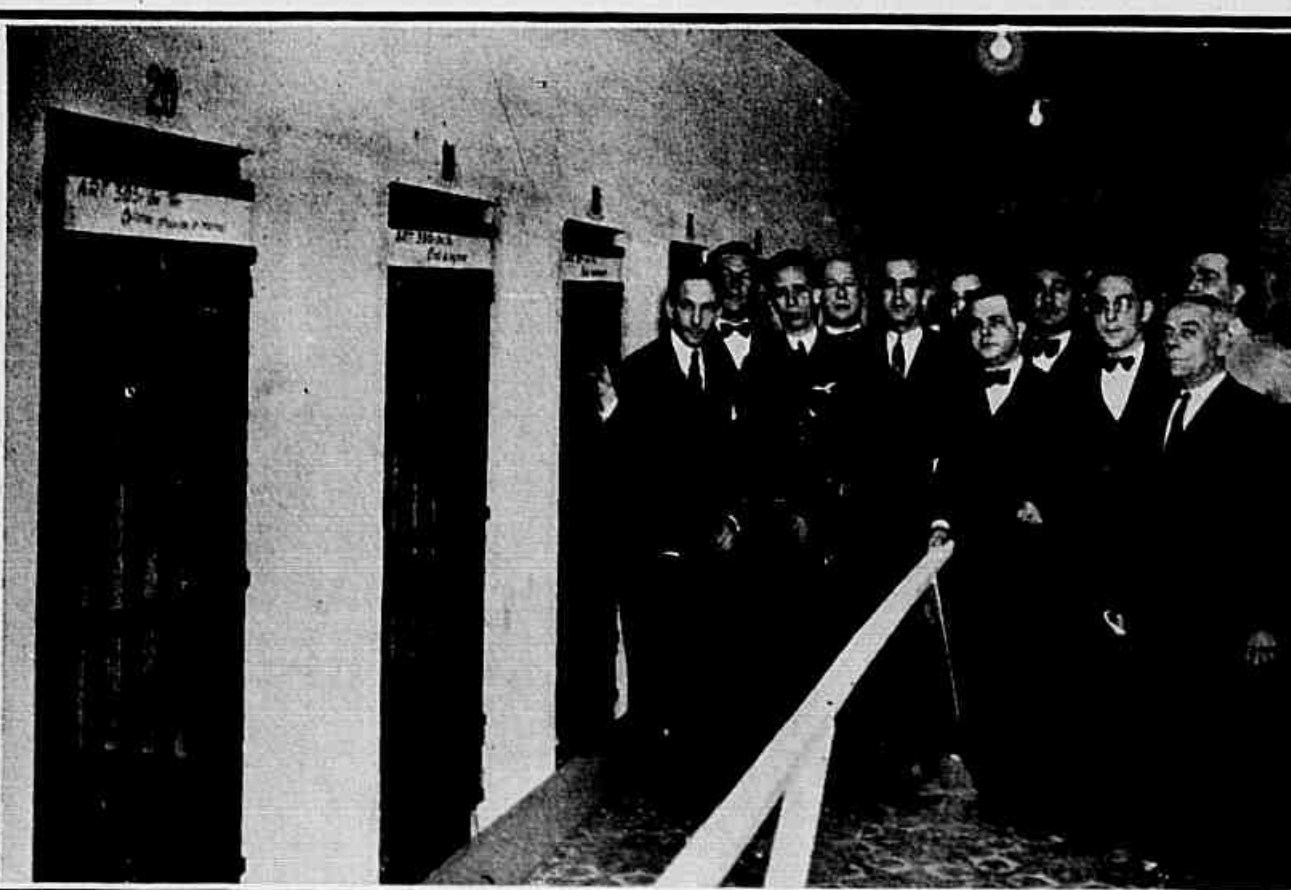
Isto quer dizer que os inspiradores das canções populares que as victrolas móem impiedosamente e o radio espalha pelo paiz inteiro vão agora olhar-nos por cima dos hombros... Não pódem, aliás, fazer por menos, porque já lhes está, por certo, a tocar a alma o orgulho de irem viver ás claras, com o kerozene á mão. E emquanto cá em baixo, no bairro, esplenderem os fócos de luz electrica, elles, os impenitentes sambadores, que tanta vez animaram o alto silencio do morro com as suas cabriolas não raro epilogadas nas delegacias de policia, terão o direito liquido da vaidade e a natural illusão da sua luz electrica tambem...

Assim — não haverá duvida — o morro do Salgueiro irá ficar por cima...

OS ASSIGNANTES DA "REVISTA DA SEMANA" PODEM TORNAR-SE MILLIONARIOS!

São estes os numeros dos dois bilhetes inteiros da grande loteria de Espanha do Natal — a maior loteria do mundo — que adquirimos, á semelhança do que ha longos annos fazemos, para os nossos assignantes. Todos os que assignarem a *Revista da Semana* se associarão naquelles bilhetes, podendo ficar millionarios.

Os nossos leitores já bem conhecem as condições — identicas, de resto, ás de sempre — em que serão distribuidos os premios que, por ventura, couberem áquelles bilhetes, que se acham depositados no Banco Hispano-Americano de Madrid.

As assignaturas com direito á participação nos nossos bilhetes, serão encerradas no proximo sabbado 20 do corrente.

A "Casa dos 18 do Forte" onde vem sendo vendido, com grande successo, o livro do capitão Carlos Chevalier que relata a façanha heroica dos 18 bravos do Forte de Copacabana. Essa feira original é inteiramente consagrada á erecção de um monumento á memoria dos heroicos revolucionarios do 5 de Julho de 1922. Na photographia á esquerda vê-se o eminente estadista sr. Antonio Carlos em visita aos *cubiculos* do *presidio* do capitão Chevalier. A' direita, uma visita aos cubiculos, vendo-se segurando a grade do *cubiculo* n. 18 o dr. Adolpho Bergamini, interventor do Districto Federal, que tem á esquerda o capitão Carlos Chevalier.

A união das casas reaes da BULGARIA e da ITALIA

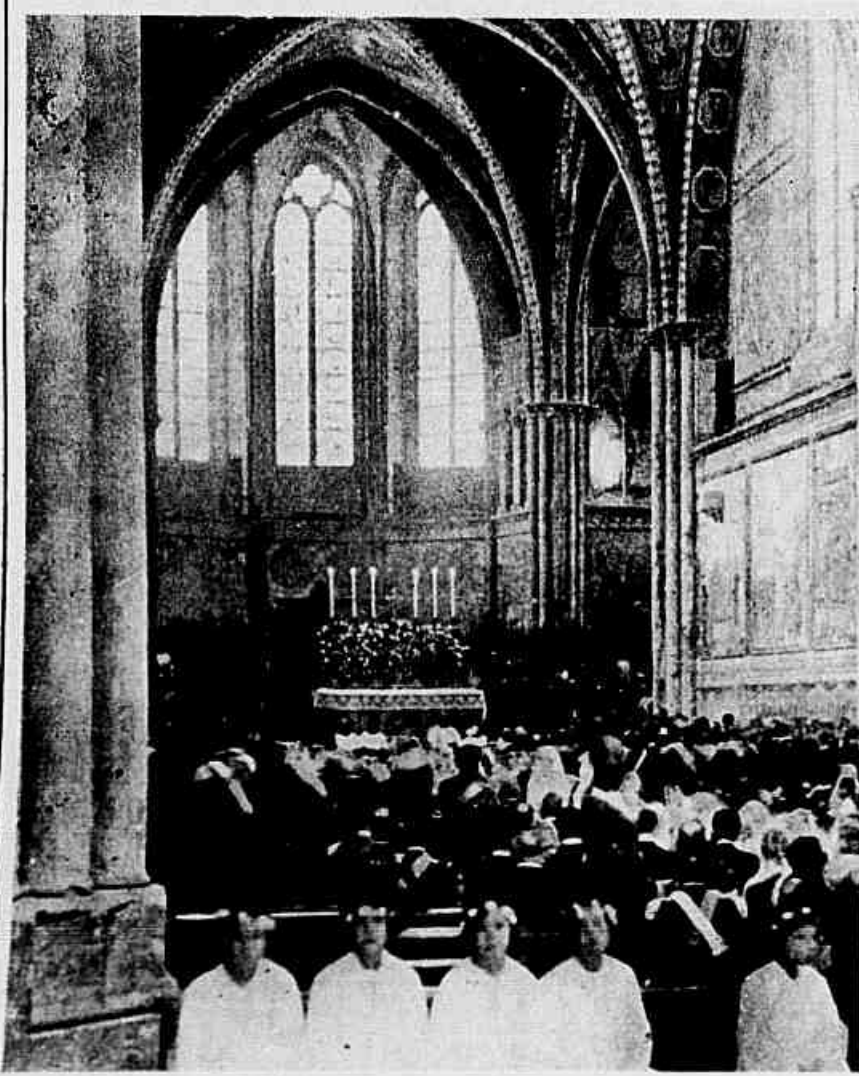
S. A. R. a princesa Giovanna di Savoia, hoje Rainha da Bulgaria (retrato de G. Amisani.)

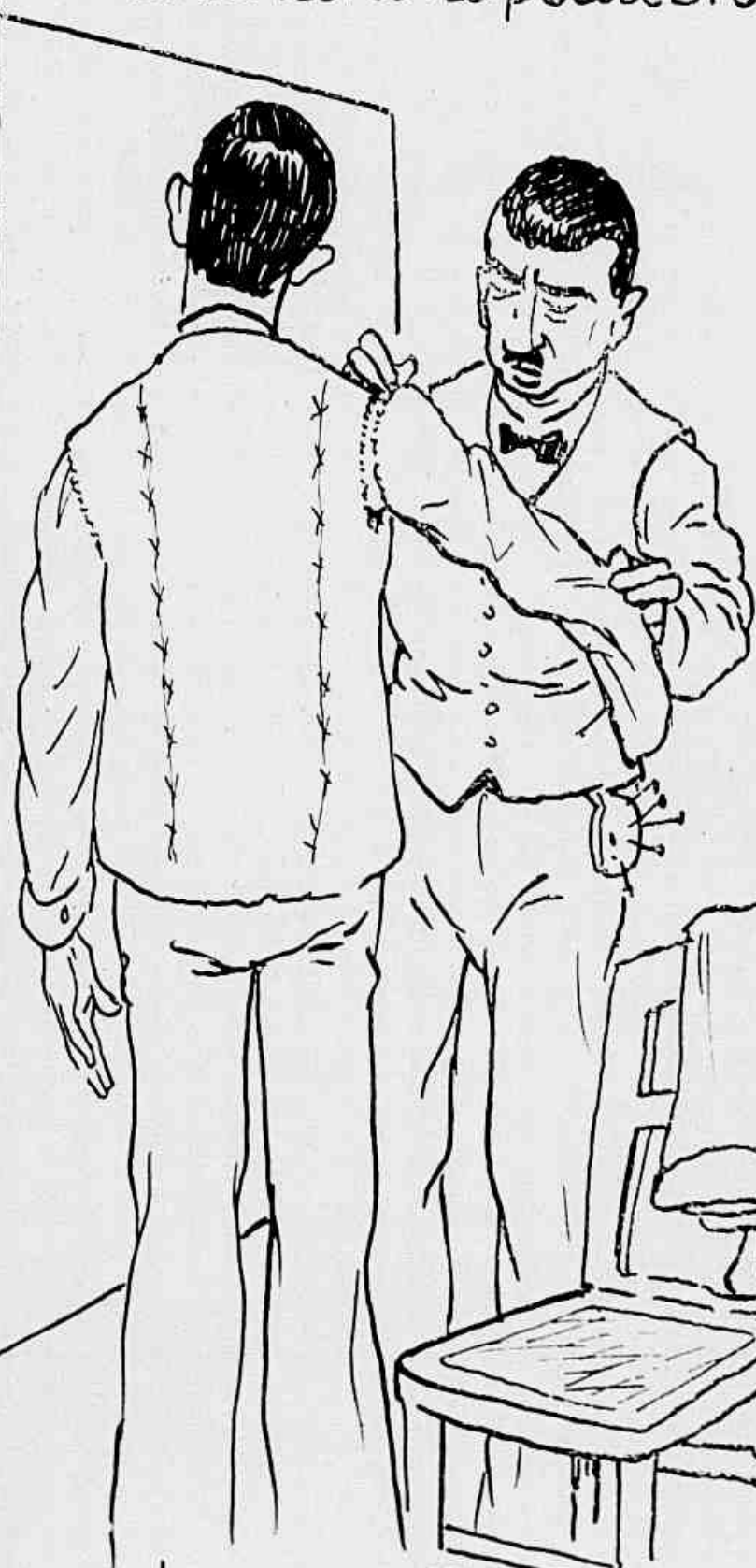
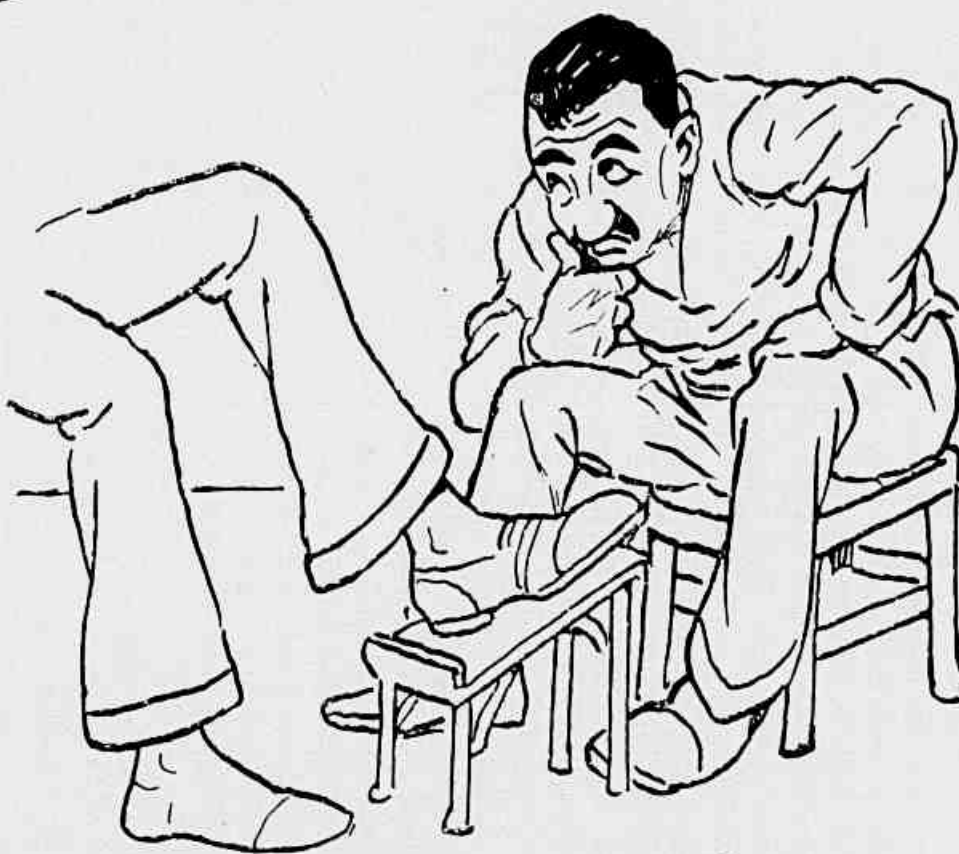
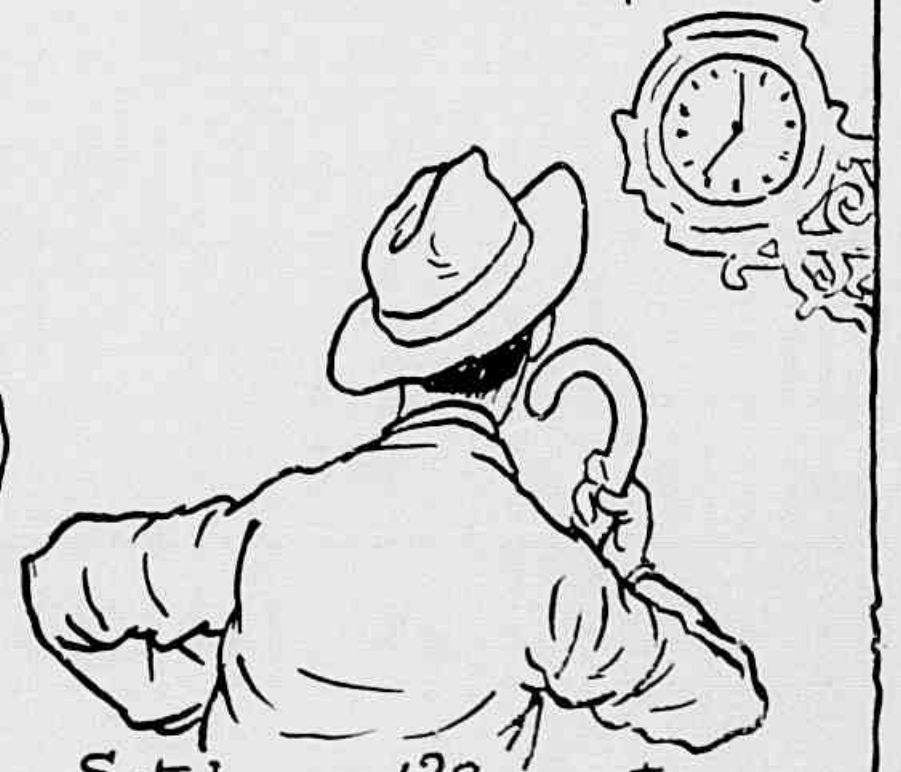
S. M. Boris III, rei da Bulgaria (retrato de G. Amisani.)

S. A. R. a princesa Giovanna di Savoia e S. M. Boris III, rei da Bulgaria, na Villa Real de San Rossore, na vespera do seu casamento.

As nupcias reaes. Giovanna di Saboia e o Rei Boris, em Assis, sahindo da basilica de São Francisco, após a realização do casamento, no dia 25 de Outubro.

A benção nupcial em Sofia, capital da Bulgaria. A rainha Giovanna e o rei Boris entrando na cathedral de Santo Alexandre Newski para a ceremonia no dia 31 de Outubro.

Interior da basilica de Santo Alexandre Newski, em Sofia, onde se realisou a benção orthodoxa.

Interior da Cathedral superior durante a ceremonia do casamento real. Ao fundo, o altar papal. No primeiro plano as creanças de Assis, de vestes brancas.

Falta de tempo...

Vestido de crêpe de Chine côr de cinza: a parte de cima de setim preto: a saia en-forme; viezes guarnecem o vestido.

Pequenas noticias

A POPULAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS

O recenseamento que acaba de ser effectuado nos Estados Unidos, revelou que a população é actualmente de 122.698.190 habitantes.

A comparação com os recenseamentos precedentes permitte constatar que a população augmenta todos os dez annos de 17 milhões pouco mais ou menos.

O augmento da população é sobretudo maior no oeste, na California, onde é de 2.245.148, e no éste, em Nova-York, onde attinge 2.234.276.

O unico Estado onde foi notada uma diminuição é o Montana, onde a população é inferior de 12.557 á que era em 1920.

O PROBLEMA DOS ARMAMENTOS NAVAES PARA A FRANÇA, INGLATERRA E OS ESTADOS-UNIDOS

Mr. Edwin L. James escreveu no New York Times *um interessante artigo onde faz uma comparação das despezas do preparo militar dos Estados-Unidos, a Inglaterra e a França.*

"Não se deve, bem entendido, disse o sr. James, comparar os algarismos de 1930 com os de 1909, época anormal, mas com os de 1913. Nessa época, os Estados-Unidos tinham uma frota de 843.600 toneladas: a Grã-Bretanha possuia .... 2.222.000 toneladas de barcos de guerra e a França 689.000 toneladas. E agora, em 1930, os Estados-Unidos têm 1.250.000 toneladas, a Inglaterra 1.275.000 toneladas e a França 587.000. Resulta claramente desses algarismos que a Inglaterra reduziu sua frota de 50 por 100, que a França reduziu a sua de 15 por 100, emquanto que os Estados Unidos augmentaram a sua de 50 por 100.

Agora, quanto a despezas navaes, verifica-se que essas despezas subiram, para a Inglaterra, a 333 milhões de dollars, para a França a 100 milhões e para os Estados-Unidos a 375 milhões.

Em 1913, a Inglaterra despendia com sua marinha 124 milhões e os Estados-Unidos, 137 milhões. As despezas navaes passaram por tanto, em 17 annos, ao triplo.

Alem dos 375 milhões que os Estados Unidos gastam com a sua armada, despendem mais 400 milhões com o seu exercito e pouco mais ou menos 75 milhões com a sua aeronautica — seja, em tudo, 850 milhões de dollars com despezas militares. Emquanto que a Inglaterra gasta apenas com as suas forças terrestres, navaes e aéreas 615 milhões de dollars; a França, pelo seu lado, gasta somente, com todas ellas, 270 milhões de dollars."

O regresso do brilhante intellectual patricio Saul de Navarro, de Victoria onde, com o nome burocratico de Alvaro Henrique Moreira de Souza, exercia o alto cargo de delegado fiscal do Thesouro Nacional no E. do Espirito Santo. Photo tirada na estação da Leopoldina.

Vestido de *shantung* azul marinha. Saia com pregas na frente e atrás. Blusa de crêpe de Chine, branco com pintas azues.

PENSAMENTOS

Um suspiro para o que foi, um sorriso para o que virá... é isto a vida!

❋

O amor d'uma mãe, amor que ninguem esquece. Pão maravilhoso que um Deus reparte e multiplica, mesa sempre servida no patrio lar: cada um tem sua parte, e todos a têm toda inteira.

VICTOR HUGO.

Chapéu de linho azul, a copa feita de pedaços a a aba pespontada.

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▪ A VIDA NO LAR ▪ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▪ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

Conselhos sociaes

Almas credulas

Um jornal francez fez esta pergunta aos seus leitores:

"Quem é mais credulo: o homem ou a mulher?"

Responderia sem hesitar: "A mulher é mais credula que o homem". Uma tal declaração nada tem de humilhante para nós. Ser credula parece-me uma qualidade de que a mulher tem o direito de vangloriar-se. Ser credula é não ser matreira, não ser falsa, não ser maliciosa; é ignorar os artificios, as falsidades. Ser credula é ser leal, sincera, delicada, ingenua, candida...

Escreveram-se milhares de volumes sobre o que chamam a perfidia feminina. Fizeram-nos, através dos seculos, uma solida fama de maldade, de duplicidade, de versatilidade.

Henry Murger concede-nos a graça de chamar-nos "traições vivas"; e Paul Bourget declara com toda a seriedade que empregamos nossa maior habilidade em pôr uma venda sobre os olhos masculinos. Gerard de Nerval, o encantador poeta, não hesita em affirmar que a mulher é a chimera do homem, ou o seu demonio. E accrescenta galantemente: *é um monstro adoravel, mas um monstro. Quanto a Dumas, escreveu no* Amigo das Mulheres *que somos encantadores mas terriveis pequenos carnivoros, pelos quaes "os homens deshonram-se, arruinam-se, matam-se e cuja unica preoccupação, entretanto, no meio de toda essa devastação, é vestir-se umas vezes como guarda-chuvas, outras vezes como campainhas".*

E Theophile Gautier diz que em cem de entre nós ha apenas uma passavel.

Attribuem-nos todos os defeitos.

Mas esse ente, que a má fé dos homens sobrecarrega de defeitos, continúa no emtanto desarmado, pela sua confiança.

O nosso verdadeiro defeito é este, tão certo como incuravel: uma indefectivel propensão para acreditar tudo que os homens nos contam, deixando-nos sem cessar enganar pelas suas mentiras, as suas comedias. Parece impossivel que se formule esta pergunta — "qual é o mais credulo, o homem ou a mulher?" — quando tudo indica d'uma maneira tão evidente, tão peremptoria, tão incontestavel que a mulher passa sua vida a se embriagar com os bellos discursos com que o homem a illude e acalenta.

Naturalmente, ha muitas mulheres que são habeis em derramar o opio encantador das chimeras e das illusões, mas para uma alma astuciosa encontrada no nosso campo, quantos enganadores enchem o campo adverso!

Façam esta experiencia. Abram um jornal, qualquer que elle seja, e leiam as ultimas noticias. Encontrarão a narração de diversos dramas, abandonos, traições, fraudes moraes, onde, nove vezes em dez, a mulher tem o papel de victima.

Apanham-na e apanharão sempre com as mesmas palavras, as mesmas cantigas: cahirá sempre nas mesmas armadilhas. Porque os homens não precisam de um grande trabalho de imaginação para enganar as almas ingenuas e perturbar os

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido de crêpe da China verde tilleul; o bolero é guarnecido com botões de aço. A saia tem panneaux en-forme dos lados. A golla do mesmo tecido amarra-se do lado. 2 — Toilette de crêpe da China azul marinha, guarnecido com incrustações de crêpe da China branco. Babado en-forme na saia. 3 — Vestido de voile côr de limão, guarnecido com plissados e pontos abertos; golla e punhos de voile branco.

Toilettes para Casamento

corações candidos. Os mesmos engodos servem e resservem desde sempre.

Ha em nós uma tal necessidade de ternura, de ideal, de dedicação, um tal desejo de dar a felicidade — porque, para a mulher, o amor é muito mais fazer a felicidade do outro que a della propria — que seremos sempre a presa daquelles que nos trouxerem, mesmo pelos meios os mais banaes, a miragem desse amor que é o pão de nosso coração e a esperança de nossa vida.

Estudando todas essas lamentaveis felonias, todas essas banaes perfidias das quaes os jornaes estão cheios, e que fazem desgraçadas entre as mais intelligentes como entre as mais ingenuas não é possivel deixar de concordar que nada iguala a nossa incommensuravel confiança, nada iguala essa credulidade ineffavel e indizivel.

Sim, somos entes credulos, e quando se dirigem ao nosso coração, facil de persuadir, soffremos dessa fraqueza, da qual somos muitas vezes as victimas. Mas essa fraqueza é uma virtude que faz a nossa força — porque qual é aquella de entre nós que não acha a nossa parte a mais bella?

Temos por nós o enthusiasmo, a fé, a generosidade, a constancia!

Crer é uma das nobrezas da alma: preferimos mesmo a illusão magnifica do amor, n'um deslumbramento da alma, preferimos crer, se fôr necessario, contra toda a evidencia e trazer comnosco um coração deslumbrado de amor e cheio de fervorosa abnegação...

1 — Toilette para noiva de crêpe-setim branco, guarnecida com applicações em ponta; o babado en-forme da saia forma a longa cauda; punhos e pala de tulle. 2 — Vestido para demoiselle d'honneur de tafetá azul turqueza, guarnecido com tulle grosso do mesmo tom e laços feitos com viezes do proprio tecido. O chapéu é feito com o mesmo tulle e viezes, e flôres amarello-claro o guarnecem. 3 — Vestido de *mousseline* de fantasia com grande babado en-forme. Capa amarrada do lado por um viez do tecido: botões de fantasia.

Nossa alimentação

PARA FERVER O LEITE SEM PREJUIZO

Ferver o leite é sempre uma operação delicada, porque para matar os microbios nocivos são necessarios pelo menos cinco minutos de ebulição real.

O leite consumido todos os dias soffre, na maioria dos casos, diversas manipulações, viaja a maior parte das vezes e é mudado de vasilhas; por essa razão, mesmo que se tivesse a certeza da sua bôa proveniencia não se poderia de forma alguma deixar de ferver. Mas não se deve considerar o leite bem fervido quando sobe e foge da panella: são necessarios cinco minutos de ebulição a contar desse momento. Cinco minutos durante os quaes é preciso vigiar constantemente, mexendo o liquido com uma colhér, para que não entorne e espalhe por toda a casa um cheiro desagradavel e revelador.

Alem disso, o leite que entorna quando sobe perde a sua nata e suja os fogões d'uma maneira deploravel.

Como satisfazer as ordens da hygiene e evitar esses contratempos? Ha duas alternativas: ou vigiar attentamente o liquido collocado dentro d'uma panella sufficientemente grande para que não entorne

1 — Vestido de crêpe de *Chine* azul, a saia guarnecida com babados *en-forme*, golla e jabot de crêpe *georgette* branco. 2 — Toilette de crêpe-setim preto, guarnecida com entremeios cortados do lado baço do tecido e bordados com seda brilhante preta. 3 — Vestido de crêpe *georgette* verde-claro; os babados da saia, assim como a romeira, são terminados com babadinhos plissados.

logo no primeiro momento, ou então utilizar-se do apparelho de esterilizar o leite (vasilha contendo um galheteiro de metal onde são collocados os vidros com leite tampados com uma rodella de borracha que adhere quando se faz o vacuo, depois de ter fervido durante bastante tempo a agua contida dentro da vasilha). Mas ha agora um apparelho para não deixar subir o leite: o disco Rodier.

Esse disco esmaltado é collocado no fundo da panella contendo o leite e posto a ferver em fogo brando: o liquido ferve sem procurar sahir da vasilha.

A sua limpeza é simples: basta passal-o por agua fervendo ao tira-lo da panella do leite.

Esse apparelho prestará grande serviço ás mães quando tiverem de preparar as mammadeiras. Porque não ha o menor inconveniente em utilizal-o para esse fim, com a condição, bem entendido, de que elle seja lavado todas as vezes que fôr usado, enxuto e posto ao abrigo de toda contaminação.

Quando se fala no leite nunca é de mais chamar a attenção sobre a facilidade que tem esse liquido de se contaminar e absorver os cheiros. Por exemplo: quando se pinta qualquer prateleira da copa ou cozinha, se o leite ficar nesse mesmo aposento, mesmo collocado bem distante, em pouco tempo absorverá o cheiro da tinta, tornando-se intragavel e nocivo á saude. O leite estraga-se tambem facilmente: por essa razão não deve nunca ser guardado dentro de vasilhas tampadas nem dentro de armarios; o melhor systema é cobrir a vasilha que contém o leite com uma coberta de tela de arame, e collocar essa vasilha n'um lugar ventilado.

Vestido de crepe da China verde claro; a golla levemente *drapée* amarra-se no hombro; guarnição identica nas mangas.

Vestido de linho azul, a saia com pregas duplas. A tira que termina o bolero e guarnece os punhos é de linho branco.

MENU DE ALMOÇO

PEIXE COZIDO COM MOLHO RAVIGOTE
PIRÃO DE FARINHA
BERINGELAS AU GRATIN
BIFES DE FIGADO
CROQUETES DE BATATAS
OVOS MIMOSA
BOLO SEM OVO

PEIXE COZIDO COM MOLHO RAVIGOTE

Põe-se para cozinhar em pouca agua peixe de carne dura, em postas ou inteiro se fôr pequeno. Em seguida tira-se as pelles e espinhas, arruma-se em postas ou filetes n'um prato e despeja-se por cima o seguinte môlho. Põe-se dentro d'uma vasilha seis colhéres de azeite; esmaga-se dentro duas enxovas bem lavadas e picadas; junta-se uma colhér de mostarda, alguns pepinos (de conserva) picados, sal, pimenta, um pouco de vinagre ou de limão; deixa-se aquecer um pouco e despeja-se sobre o peixe na hora de servir.

Vestido de crepe-setim capucine; a parte de cima da saia toda formada por tiras.

VESTIDOS SINGELOS

1 — Vestido de crêpe da China azul marinha, com pala na saia formando ponta na frente; o babado da saia tem grupos plissados. O jabot de crêpe Georgette branco azulado. 2 — Vestido de linho branco, guarnecido com applicações pespontadas, babado preguеado na saia. 3 — Vestido de shantung côr de rosa arroxeado. Tiras que vêm da pala mantêm os grupos de pregas da saia. Punhos, golla e tira da frente de organdi branco, bordado com linha do tom do vestido. 4 — Vestido de toile de seda verde, saia com babado de pregas em escada, frente formada por tiras de *linon* branco com botões verdes, golla e punhos duplos de *linon* bordados com linha verde.

BERINGELAS AU GRATIN

Toma-se duas beringelas grandes; depois de descascadas são cortadas em fatias. Deixa-se macerar durante uma hora dentro d'uma vasilha com um bom punhado de sal. Em seguida escorre-se bem e põe-se para fritar em azeite bem quente.

Pica-se muito bem um pedaço de carne assada da vespera. Põe-se na frigideira uma ou duas cebolas picadas, meio dente de alho bem esmagado com meia colhér de manteiga; quando a cebola começar a dourar, junta-se a carne picada. Junta-se alguns tomates ou tres colhéres de môlho de tomates e o môlho da carne. Tempera-se com sal e deixa-se cozinhar alguns minutos. Unta-se um prato de gratin. Arruma-se uma camada de beringelas, outra do picado de carne, alternando assim até acabar, e cobre-se com uma camada de pó de rosca. Põe-se no forno para assar, e tostar.

BIFES DE FIGADO

Corta-se o figado de vitella em fatias, tempera-se com sal e pimenta; em seguida são passadas na farinha de trigo e fritas na manteiga.

Arrumam-se numa travessa e na frigideira onde foram fritos os bifes junta-se um pouco de caldo de carne; deixa-se reduzir um pouco e despeja-se sobre os bifes já cobertos com salsa picada. Enfeita-se o prato com rodellas de limão.

CROQUETES DE BATATAS

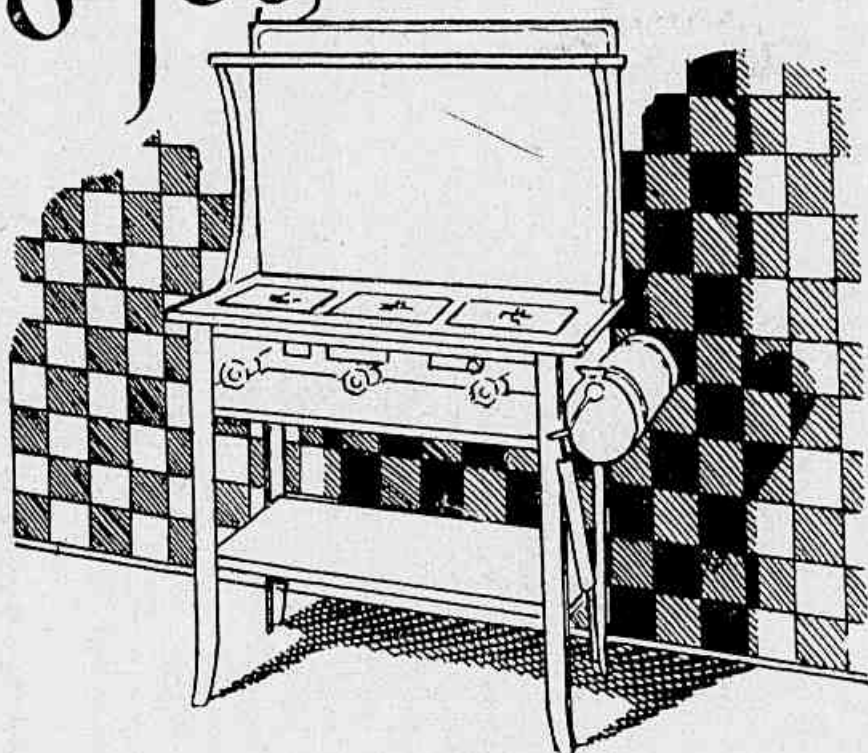
Põe-se para cozer meio kilo de batatas, em seguida descascam-se e esmagam-se. Põe-se essa massa n'uma panella e mexe-se com uma colhér para seccar um pouco. Junta-se fóra do fogo um ovo, uma pitada de sal e um pouco de manteiga. Mexe-se tudo muito bem e deixa-se esfriar.

Forma-se com ella os croquetes do tamanho d'um ovo; mergulha-se dentro de ovo batido, depois passa-se por farinha de rosca peneirada e vão a fritar em banha fervendo até tomar uma bonita côr loura.

OVOS MIMOSA

Põe-se para cozerem quatro ovos, deixando ferver a agua uns dez minutos; tira-se dessa agua e passa-se na agua fria, para que a casca largue. Cortam-se ao meio, tira-se as gemmas, que são esmagadas com um garfo; junta-se uma gemma crua, sal, pimenta, mostarda; misturar tudo muito bem, em seguida juntar gotta a gotta meio copo de azeite, mexendo sempre, e por ultimo tres colhéres de vinagre; encher com isso as

Toilette de crepe-setim preto; uma parte solta da frente forma bolero. Saia en-forme.

Vestido para a noite de crepe-setim preto; vestido ajustado, terminado por um babado en-forme, capa nas costas de renda preta.

MANTEAUX PRATICOS

1 — Manteau de crêpe marocain de fantasia beige e *marron*, as applicações pespontadas com seda marron. 2 — Manteau de crêpe da China sable; na frente simula um tailleur e nas costas a pala abotoa-se d'uma maneira original com botões de galalithe do mesmo tom; esses mesmos botões guarnecem os punhos. 3 — Manteau de tecido de lã de fantasia, branco e preto, guarnecido com viezes de seda preta.

Vestido de crepe *georgette gris-perle*, guarnecido com *laize* de prata.

uma gemma de ovo cozida passada na peneira.

BOLO SEM OVO

Mistura-se muito bem 200 grs. de farinha de trigo com 100 grs. de assucar e uma pitada de sal. Põe-se numa panella 100 grs. de manteiga, e essa panella em banho-maria dentro d'uma outra maior contendo agua fervendo; vae-se mexendo até tomar a consistencia d'um creme. Junta-se então a farinha de trigo, amassa-se bem, pelo menos uns dez minutos; junta-se depois duas bôas colhéres de leite e o perfume que se quizer (baunilha ou canella). Essa massa deve ficar bem secca e farinhenta.

Unta-se com manteiga uma fôrma tendo uns quatro ou cinco centimetros de altura por uns trinta e cinco de diametro; põe-se dentro a massa, apoiando-se bem com a palma da mão. Põe-se primeiro em fogo moderado; depois de meia hora aquece-se mais o forno e deixa-se assar mais meia hora.

claras. Arruma-se na travessa folhas de alface bem lavadas e sobre ellas os ovos, e peneira-se por cima

A MODA

A moda 1930-1931 não trouxe innovações bruscas, mas reserva-nos a delicada satisfação de ver desapparecer o espirito de bravata que a caracterisava nestes ultimos annos. Nada mais de silhuetas brutalmente desenhadas, pernas descobertas, decotes absurdos, cinturas baixas; a moda estampa as linhas, alonga e simplifica as saias, veste os bustos, põe a cintura no lugar; veste em vez de despir. A mulher efeminou-se, quer dizer tornou-se elegante e graciosa... modestamente.

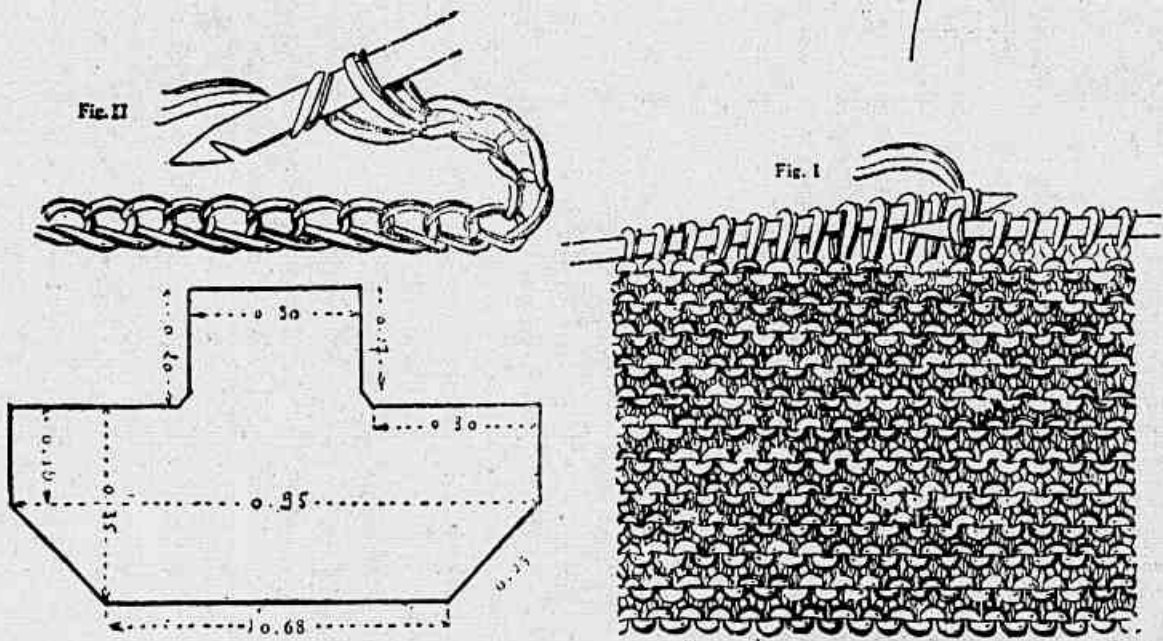
Vejamos como as diversas partes da toilette provam essa mudança.

As saias — Encompridaram até um pouco abaixo do meio da perna para os vestidos da manhã (tailleurs, vestidos de sport); acima do tornozello, para as dos vestidos da tarde; mostrando apenas o pé ou indo até ao chão as dos vestidos da noite. A parte de cima continúa collante graças ás pinces, pregas pespontadas, palas franzidas etc. As costureiras, seguindo a diversidade da sua arte, prolongam esse collante mais ou menos baixo; umas fazem-n'o parar nas cadeiras, outras indo até fixal-o na altura do joelho. A roda é dada por *panneaux*, pregas soltas, godets applicados, plissados, babados en-forme.

A largura dada á saia por essas diversas maneiras não é sempre repartida egualmente; muitas vezes é grupada n'um só ponto — na frente, d'um lado ou mesmo atrás. Mas numa grande maioria é essa roda espalhada toda em volta, sobretudo nas saias de pala.

As saias em geral bastante guarnecidas e complicadas; se ás vezes parecem simples, essa simplicidade não é mais que um geitoso resultado d'um corte muito habil e de artificios muito estudados. As draperies, tunicas, babados são em geral empregados nos vestidos habillés, emquanto que as pregas e as applicações

Vestido princeza de tafetá branco com dois babados en-forme. Grande golla de renda *ecrú*.

Capa de tricot para creança

Esta capa é muito pratica para agasalhar as creancinhas quando têm que sahir de casa. A capa é feita com o ponto de musgo, sempre do lado direito (fig. 1) com lã fina branca á qual se junta um fio de seda; põe-se na agulha de tricot 165 malhas que devem dar 68 centimetros de comprimento; vae-se augmentando em seguida em cada carreira uma malha de cada lado. Quando se chegar a ter na agulha 345 malhas, faz-se então tantas carreiras sem augmentar até formar 18 centimetros de altura; em seguida fechar 72 malhas de cada lado (30 centimetros de cada lado) e formar as carreiras com as malhas que ficaram na agulha, mas ir diminuindo uma malha em cada lado até formar tres centimetros de altura; em seguida continuar a fazer as carreiras de tricot sem diminuir até formar 17 centimetros de altura. Fechar as malhas devendo dar 30 centimetros de largura. Depois do *tricot* terminado cose-se a parte que vae formar o capuz. Faz-se com o crochet, com diversos fios de lã e seda, o cordão que passando em volta do capuz vem amarrar na frente n'um laço terminado com borlas feitas com a mesma lã. Borlas eguaes guarnecem o capuz e as pontas da capinha.

são mais usadas nos tecidos taes como o linho, fustão e os crepes mais grossos. Nas saias dos tailleurs vê-se muitas vezes as pregas serem collocadas d'um lado.

Vesido de crepe-setim marron, corpo longo ajustado, com *nervures* na cintura; capa de renda de seda do mesmo tom.

A saia en-forme está ainda muito em moda, mas a pregueada está sendo muito mais usada.

Onde situar a linha da cintura? — A cintura voltou para seu lugar natural. Uma fita estreita, um cinto de couro, indicam d'uma maneira nitida a cintura; ou então é simplesmente a saia que se inrusta um pouco alta sobre a blusa, supprimindo assim o cinto. Muitas vezes, como nos vestidos princeza, corpo e saia formam uma só peça. A cintura é então indicada simplesmente na frente, do lado e atrás, por um drapé, pinces atravessadas, franzidos, pregas, que representam o papel de cinto.

As modificações dos corpinhos — Os corpinhos desenham o busto, mas sem desenhal-os brutalmente. De aspecto muito simples, são no emtanto muitas vezes guarnecidos com recortes, applicações, galões, pregas e franzidos, que tornam seu corte bastante complicado.

Quantas fantasias interessantes no seu acabado! Uns são simplesmente abotoados, severos, terminando por uma gollinha direita ou uma golla Claudine; outros abrem-se sobre um plastrão indo quasi até á cintura; outros têm palas pespontadas. Depois temos os *blousons*: uns vagos, leves; outros muito marcados na frente e nas costas, tão marcados mesmo que se assemelham a um bolero cahindo sobre a cintura.

As costas dos corpinhos são interessantes e algumas vezes mais guarnecidos que a frente — pregas, incrustações, pontas, laços e pespontos. A guarnição das costas, que até agora se tinha conservado como um detalhe insignificante, vae ser a nota de elegancia das nossas toilettes. Vamos ver de novo os corpinhos abotoados nas costas, com botões, lacets, pequenos laços. Alguns têm vasquinhas en-forme, muito curtas e lisas como palas. A nota muito feminina desses corpinhos é fornecida pela frescura das gollas de tons claros. Recortadas em pontas, em festão, em petalas de rosa, cortadas nas mousselines e crepe branco, azul claro, rosa pallido, creme, dão graça ao vestido mais simples.

As mangas — Os vestidos de linho, fustão e de voile têm em geral a manga curta, algumas vindo até ao cotovello e quasi todas as mangas longas são ajustadas ao braço e terminam por um punho.

Pensamentos

Os prazeres são como os alimentos: os mais simples são os que nunca aborrecem.

Amar é encontrar na felicidade de outrem a propria felicidade.

: : A riqueza da França : :

O que conta um jornalista francez:

"Desde a estabilização, a firmeza de nossa *divisa*, o franco está a toda prova. Porque? Principalmente porque as notas postas em circulação estão garantidas por uma formidavel reserva de ouro. A nossa reserva metalica de 47 billiões é a segunda do mundo: vem logo depois dos Estados-Unidos.

Onde se encontra esse ouro, regulador do poder financeiro da França? No Banco de França, em porões blindados.

Mas como são esses porões e quaes foram as precauções tomadas para proteger a riqueza nacional contra os bombardeamentos, os cataclismas, as revoluções? E' isso muito pouco conhecido.

Esses celebres porões, acabo de visital-os. Foi extraordinaria a emoção que tive: pareceu-me, durante algumas horas, estar vivendo n'um mundo differente do nosso. Voltei deslumbrado — mas ao mesmo tempo tranquilizado. Com effeito, nenhuma força no mundo, o explosivo mais poderoso, o ladrão mais engenhoso, o mais terrivel dos cataclismas não conseguiriam abrir brecha nas paredes de aço e cimento do cofre que protege a nossa reserva metalica.

As reservas de ouro, as casas fortes do Banco de França foram construidas a vinte e cinco metros de profundidade, não em baixo do edificio do banco, mas n'um vasto terreno vago junto delle.

No emtanto, o accesso dessa caverna dos billiões encontra-se no grande hall do Banco. Um ascensor conduz em alguns segundos a doze metros de profundidade. Deixamol-o para seguir por uma estreita escada cortada na pedra.

Emfim chegamos? Ainda não. A sala, muito illuminada, onde chegamos é apenas o vestibulo dos porões fortificados.

No seu centro, uma enorme placa cylindrica de aço. A massa metalica gyra suavemente sobre seus eixos. Mas atrás dessa defesa encontra-se outra ainda mais importante. Uma segunda porta, em tronco de cone, que cede ao mando d'um apparelho electrico dirigido de longe. Essa nova porta pesa 15.000 kilos! Obstrue completamente, com seus cincoenta centimetros de espessura, o muro exterior de cimento armado.

Alguns passos mais adiante, encontra-se um segundo ascensor, este fazendo lembrar os usados nos porões dos grandes couraçados. Uma segunda descida egual á primeira. Encontramos-nos emfim diante dos celebres porões. A porta de accesso é egual á do primeiro pavimento. Abre-se no emtanto só de dentro para fóra. Por essa razão está sempre aberta.

Nos casos de guerra ou de revolução, seria fechada e o seu revestimento de aço formaria um bloco com a parede.

Atrás della uma porta de grade que se abre sobre um corredor cortado todos os vinte metros por formidaveis grades de aço.

Um pouco de paciencia. Não chegamos ainda no reino do ouro. Estamos n'uma sala de 60 metros de comprimento, com a largura de 20 metros, onde estão encaixados os cofres alugados aos clientes do Banco.

Na parede opposta á entrada, uma nova porta blindada. Um estreito corredor com cellulas gradeadas. Verdadeiros quartos fortes onde se amontoam os preciosos depositos de particulares ou de bancos.

Emfim, uma grande sala, mobiliada exactamente como o hall d'um banco. E', com effeito, nesse abrigo inexpugnavel que os empregados do Banco de França ficariam fechados em caso de bombardeamento ou de revolução, para garantir os serviços indispensaveis do grande estabelecimento de emissões, mesmo no meio das peiores catastrophes.

Tudo foi previsto nessa installação. O Banco de França levou mesmo ao inverosimil a sua preoccupação do conforto.

Fogões electricos foram installados. Lavatorios vizinham com a usina electrica, garantindo d'uma maneira autonoma a illuminação de todo o estabelecimento no caso de desarranjo no sector.

Sobre a parede mais longa dessa sala, cinco portas metallicas hermeticamente fechadas. Sómente o director do Banco de França e alguns altos funccionarios podem abril-as.

Defende o accesso das reservas de ouro.

Assim que uma dessas portas se abre apparece uma grade. Essa grade, sob a pressão d'um botão escorregando á direita e á esquerda desapparece dentro da parede de aço.

O ouro alli está, em barras do tamanho de barras de sabão, numeradas, catalogadas e dispostas com symetria dentro de cofres de grade. As moedas são guardadas dentro de barriquinhas de carvalho.

Nenhum outro banco possue uma installação egual. Faz grande honra ao espirito previdente do Banco de França e ao architecto, sr. Defrasse, membro do Instituto, que fez a planta e dirigiu os trabalhos. Este trabalho formidavel foi executado de Maio de 1924 a Novembro de 1927."

Esta porta abre-se sómente de dentro para fóra. Atrás d'ella uma porta de grade.

Bordado de ponto de cruz

O bordado de ponto de cruz vê cada dia augmentar mais a sua fama. Muitos desenhos no emtanto são difficeis de adaptar-se ao tamanho do trabalho que se quer executar. Por essa razão damos este que se póde prolongar indefinidamente em largura ou comprimento. Com elle póde-se bordar toalhas ou pannos de meza, assim como centros ou guardanapos. Póde-se empregar para esse bordado linha d'um só tom como fazer combinações de dois, trez e mesmo quatro tons. Por exemplo: sobre uma toalha de linho azul claro, borda-se com linha vermelha os quadradinhos formados por trez carreiras de trez pontos de cruz; as linhas que marginam esses quadrados, assim como a que termina a toalha, serão feitas com linha verde brilhante e os triangulos e as linhas que delles sáem com linha azul escuro. Essa mesma toalha azul ficaria tambem muito interessante se a bordassem com diversos tons de amarello, desde o amarello claro até ao côr de abobora. Uma toalha de linho amarello claro seria bordada com diversos tons de azul ou de vermelho.

Mysterio historico

A PRINCEZA ANASTACIA DA RUSSIA

Existem segredos que não serão nunca esclarecidos, mysterios que planam sobre as familias, perturbam as consciencias, dividem os partidos. A luz fica velada diante da verdade.

Muito já se escreveu e muito tem sido pesquizado sobre o drama horrivel que supprimiu os ultimos Romanoff. Accreditam os pesquizadores que talvez uma das princezas tenha podido escapar da horrivel tragedia.

A esse respeito uma escriptora franceza conta o que o acaso a fez conhecer. Contaram-lhe que uma das filhas do tzar Nicolau, a mais jovem, que chamavam na intimidade de Tazia, diminutivo de Anastacia, atacada de anemia ficou tambem neurasthenica.

Para obter a cura, o medico exigiu sua separação da familia e a estadia n'um lugar de ar muito puro, longe de toda agitação. A condessa Kot..., dama da Côrte, offereceu-se a leval-a para um convento do monte S. Miguel de Kouban, situado na segunda zona dos montes caucasicos, onde era superiora a irmã da condessa. O lugar era selvagem e deserto, collocado acima das fortalezas que dominam o mar Negro e o mar Caspio. A tzarina acceitou o offerecimento, e a jovem princeza partiu, acompanhada sómente da condessa, d'um official, sua guarda de honra, d'uma governanta e de dois criados.

A Europa estava em guerra, a Russia toda perturbada; estavam no anno de 1917. Tinham que viajar modestamente para não chamar a attenção. Depois dos ternos e commoventes adeuses, a jovem poz-se a caminho. E' inutil descrever os estados de alma das fugitivas, os caminhos pitorescos, os diversos perigos causados pelas intemperies, as difficuldades de encontrar gazolina, os homens curiosos e máus. O grupo chegou afinal em Piatigorsk, a linda estação thermal, lugar onde se forneciam as religiosas installadas longe de tudo na montanha. O trajecto dalí não podia ser feito senão a cavallo ou de liteira. Mas como Tazia estava já sentindo-se mais forte poude montar a cavallo assim como a sua dama de honra e a governanta, acompanhadas por seis cossacos armados, por causa dos *macheniks* (bandidos). O official e criados ficaram em Piatigorsk á espera da condessa, que teriam de acompanhar a S. Petersburg para reunir-se á familia real.

O que terá acontecido a elles? Ignora-se.

Tazia, longe da Côrte, na calma do convento, fortificava-se. Emquanto isso seus paes seguiam o doloroso caminho da cruz. Seu pae procurava por todos os meios mandar noticias a sua filha, eis justamente o ponto importante desta narração: uma das cartas do tzar a sua filha querida foi entregue ás escondidas ao principe de Kot... que foi preso pouco depois. Mas já havia tido tempo de confiar a preciosa e compromettedora missiva a sua esposa, que a escondeu dentro do forro da golla de pelle da sua capa. A princeza, perseguida pelos inimigos, conseguiu no emtanto fugir embrulhada nessa capa. Chegou em França depois de mil peripecias e, exhausta e esgotada por tanta miseria e fadiga, morreu pouco depois. As suas pelles foram vendidas.

Quando terminou a guerra, o desgraçado principe, conseguindo sahir da prisão onde tinha passado todos aquelles annos, foi para Paris onde foi recebido de braços abertos pelo seu amigo o duque de T....

Alli soube do triste fim da sua esposa, da venda das suas roupas e teve só uma ideia: tornar a encontrar a capa que escondia a carta do tzar. Depois d'uma série de aventuras, muito longas para serem contadas aqui, ella veiu-lhe do Canadá trazida por mlle. Helione d'O... A carta estava ainda dentro do seu esconderijo.

A emoção foi tão grande para seu organismo cansado por tantos annos de soffrimentos physicos e moraes que ao ver a carta do seu soberano falleceu. O duque de T... guardou a carta dentro do seu cofre e resolveu ir á procura de Tazia para entregar-lhe aquelle thesouro, ultima lembrança dos martyres...

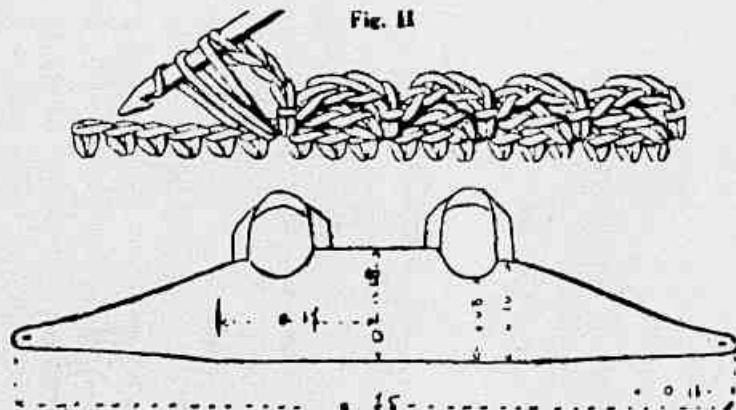
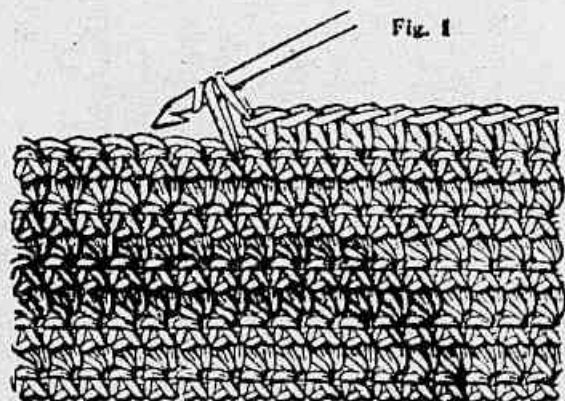
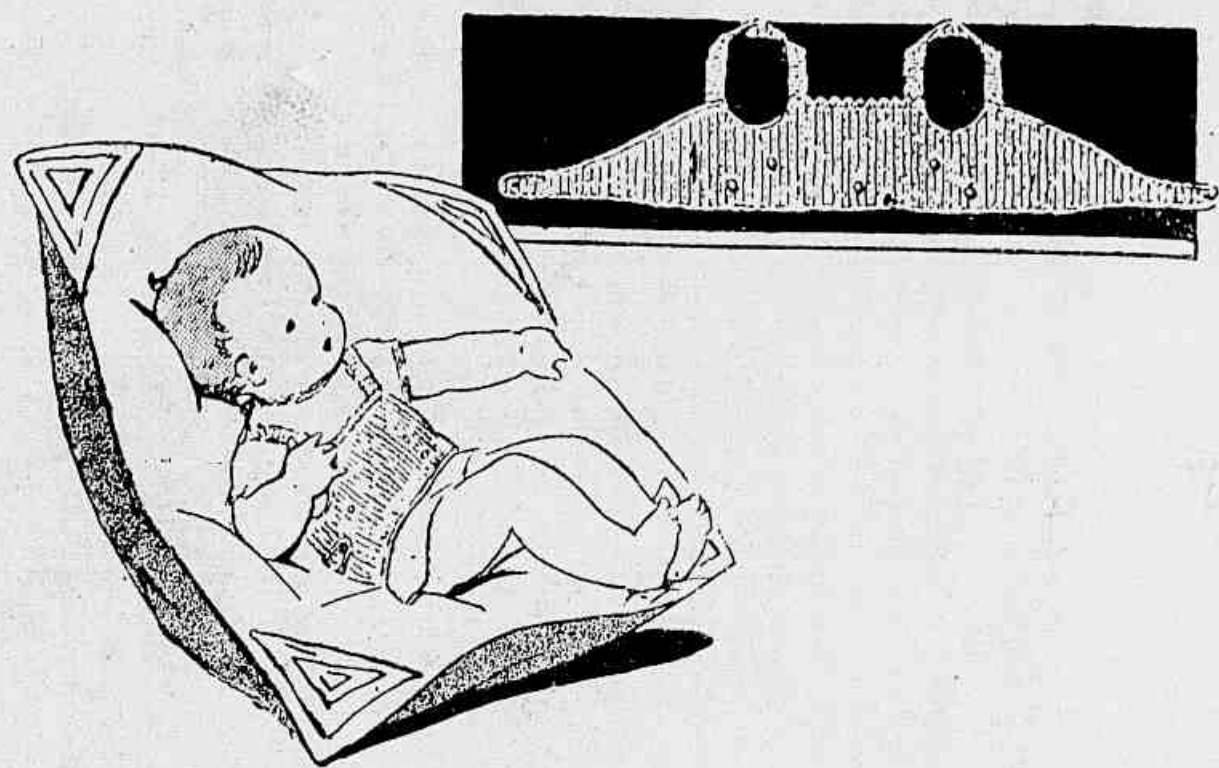
O duque pediu a Helione acompanhal-o: ella, que tinha conseguido tanto no Canadá, poderia ser-lhe de grande auxilio nessa nova empreza. Munidos de passaportes que os davam por irmão e irmã, negociantes de pelles, chegaram a Piatigorsk. Mas como ir ao convento? Estavam no meio de inimigos, a pesquiza era difficil; o duque procurava com afinco, secundado por sua companheira, mas sem o menor successo. Não sabiam a lingua russa nem uma nem outro. Mas um feliz acaso favoreceu Helione. Como entrava n'um estabelecimento das thermas e procurava fazer-se entender por algumas palavras que tinha conseguido aprender, foi agradavelmente surprehendida pela voz da criada-banhista que lhe respondia em francez. A sua alegria foi immensa, tanto mais que poderia informar-se com essa sympathica creatura.

Bordado de ponto de cruz para guarnecer roupa de creança

Guarnece d'uma maneira interessante as roupas das creanças o ponto de cruz ou de marca. E' elle executado sobre talagarça e depois de prompto o bordado é ella desfiada. Mas nas casas de bordado são encontradas tiras para passar o risco com o ferro quente de ponto de cruz, o que facilita muito o trabalho. O ponto de cruz classico é o cruzado; mas póde se variar um pouco misturando pontos simples em diagonal, horizontaes, verticaes, ou pontos maiores sobre quatro fios de talagarça formando estrellas. Tambem o que dá muita graça a esse bordado é a mistura dos tons. Emprega-se este genero de bordado nas roupinhas e vestidinhos de toile de seda, linho, fustão ou voile.

Colletinho de crochet para creança

Fig. I

Fig. II

Como mostra o modelo que damos, é de facilima execução este collete, que servirá para as creancinhas como cinteiro e mais tarde para segurar as calcinhas. Começa-se por uma das extremidades. Faz-se uma trancinha com tres malhas e em seguida o ponto baixo; faz-se uma malha no ar para voltar em cada carreira; depois da quarta carreira começa-se a augmentar uma malha de cada lado e a fazer assim duas carreiras; em seguida faz-se a casa no centro, saltando uma malha e substituindo-a por uma malha no ar; juntar uma malha d'um lado só e fazer 6 carreiras com 6 malhas; augmentar uma malha de cada lado e fazer 6 carreiras com 8 malhas; augmentar uma malha d'um lado só (o mesmo lado que da primeira vez) e fazer 6 carreiras com 9 malhas; augmentar dos dois lados, fazer 4 carreiras com 11 malhas; augmentar d'um só lado, fazer 2 carreiras e augmentar d'um lado só ambas as carreiras até que se obtenha 0m.10, augmentar de tempos em tempos do outro lado tambem, em todas as 6 ou 8 carreiras. Fazer 8 carreiras sem augmentar de nenhum lado, depois começar a diminuir em cima para a cava, durante 12 carreiras, ambas as carreiras desse lado; em seguida ir augmentando como se diminuiu, e quando se tiver 0m.13 de altura fazer as carreiras sem augmentar nem diminuir até obter 0m.13 de comprimento; em seguida fazer a segunda cava e o outro lado do collete da mesma maneira, menos a casa que não é preciso fazer. As bretelles — Faz-se uma trancinha com 6 malhas, em seguida as carreiras todas da mesma largura até formar 0m.20 de comprimento. Fazer a segunda bretelle da mesma maneira. Faz-se em toda a volta do collete uma carreira de ponto baixo, formando com elle as casas das pontas; em seguida são cosidas as bretelles e feita a rendinha que guarnece a frente, da qual damos o modelo na fig. 2 — Depois são pregados os botões. Para as creanças muito pequenas em vez de botões emprega-se fitas para amarrar o colletinho.

MODA INFANTIL

1 — Vestido de crêpe *marocain* azul marinha, a tira da frente e golla de crêpe de *Chine* branco. 2 — Vestido de linho côr de rosa claro com viezes do mesmo tecido azul vivo, babado *en-forme* e gravata de fantasia. 3 — Roupa de linho branco, collarinho com viezes de linho vermelho e gravata tambem vermelha. 4 — Vestido de linho azul claro, pala com hombreiras e gravata azul-marinha com pintas brancas.

— Ah, minha senhora, explicou a empregada, estou aqui para ganhar a minha vida, sou uma pobre religiosa enxotada do seu convento assim como minhas pobres companheiras.

— De que convento, meu Deus?

— Do convento de S. Miguel de Kouban.

Helione quasi desmaiou de emoção, mas com um grande esforço conseguiu dominar-se, e foi com voz firme que perguntou: e a princeza Tazia?

— Não sei della. Um dia os inimigos vieram na nossa communidade. Puzeram-nos na rua, menos tres que conservaram no convento. Queriam estabelecer na nossa santa casa um sanatorio para seus soldados doentes.

— Mas Tazia...

— Um dos officiaes que nos enxotaram sem a menor consideração obrigou a princeza a montar na garupa do seu cavallo e vi-a desapparecer com elle na volta da estrada.

— E' tudo que sei, minha senhora. O seu banho está prompto.

*

Se esta narração fosse um romance, não poderia acabar assim. Mas, como foi contada só a verdade, não foi possivel terminar melhor. O tal official ter-se-ía prestado áquelle papel para poder salvar a sua princeza? Teria elle conseguido salval-a ou teriam os dois sido descobertos e assassinados. E' um mysterio que difficilmente poderá ser desvendado.

Preceitos de hygiene

Os beneficios do silencio

Para um organismo deprimido, cansado pelo excesso de trabalho, para um convalescente que tem necessidade de refazer suas forças, o silencio é um verdadeiro tonico, no sentido que colloca o nosso corpo n'um estado especial para recuperar o vigor perdido.

O silencio é um medicamento. E' a condição mesma do repouso.

Quando se dorme no meio do barulho commum das grandes cidades, o somno não tem as qualidades do somno realizado no socego.

Vive-se emquanto se dorme e, inconscientemente, reagimos ao barulho; o habito não permitte percebel-o, mas elle age sobre a nossa cellula nervosa como um traumatismo. Pois é justamente essa cellula nervosa que deve ser poupada porque a cellula muscular é menos susceptivel — só a ausencia de acção basta para repousal-a.

E' um facto já observado que as convalescenças de grippe, doença essencialmente deprimente, são muito mais longas nas cidades que no campo. Por que? Por causa do silencio.

O campo, logar encantado do silencio! E' esta a sua grande virtude; o effeito sedativo sobre os organismos cujos tecidos estão no marasmo é devido á ausencia do barulho.

Quantas pessôas que querem reagir contra esse estado deprimente pedem a salvação aos fortificantes! Que se trate de pillulas, de liquido ou de pó, a palavra "fortificante" impressa sobre a caixa attráe-os, hypnotisa-os. Então é tratar de engulir pillulas ou liquidos antes ou depois das refeições. Todos esses arsenicos, todas essas strychninas, não se tem uma idéia dos effeitos que podem ter sobre nossos orgãos.

Como se assimilam essas drogas? Para refazerem-se utilmente, todos aquelles que estão vencidos pelo cansaço nervoso fariam muito melhor *bebendo* silencio!

Mas, infelizmente, o silencio torna-se cada vez mais raro. A. T. S. F., as vitrolas, as businas dos autos perturbam a paz das vivendas campestres.

O cumulo da distracção

Esta anecdota franceza, de antes da guerra, se não é nova tem a vantagem de ser absolutamente authentica.

Sahindo da Camara, o deputado Vaillant encontrou-se com um amigo que se informou a respeito de sua saude.

— Não tem sido má, mas acabo de constatar que estou capengando... Um dia tinha que chegar o rheumatismo, são coisas que a velhice mais dia menos dia tem que nos trazer...

O amigo não poude deixar de rir. Tinha visto Vaillant vir de longe, e o velho deputado vinha com um pé no passeio e o outro na rua...

Assim todos teem que capengar seja lá com que idade!

Conselhos praticos

LIMPEZA E CONSERVAÇÃO DOS TAPETES

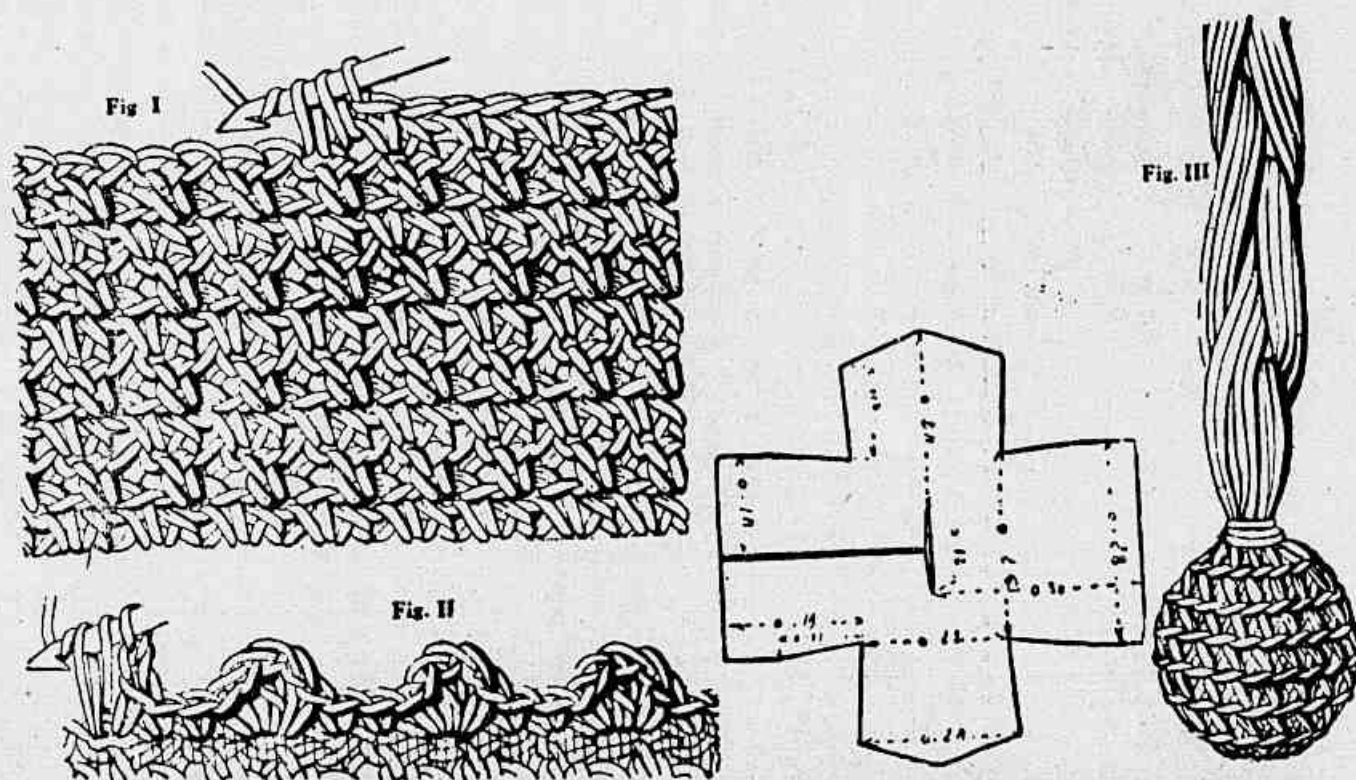
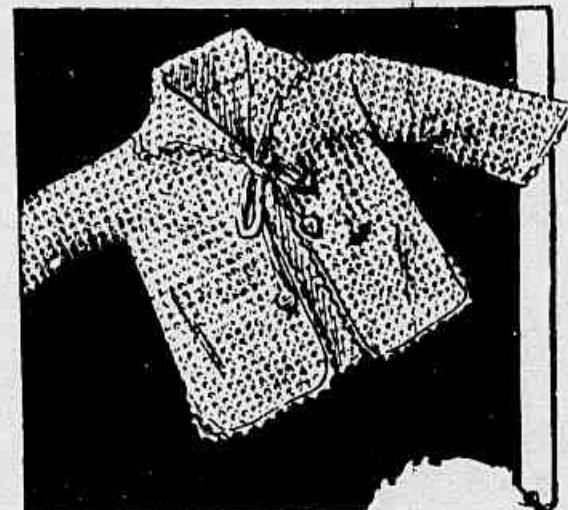
Está se approximando o tempo de todos os que teem receio do calor fugirem para as serras e praias e chegando portanto o tempo das donas de casa, cuidadosas, cuidarem das cortinas e tapetes que precisam ser escovados e concertados antes de guardados.

Cuidados a tomar com os tapetes: em primeiro lugar os tapetes não devem ser sacudidos (isso deformando-os): as pessôas que não possuem aspiradores de pó devem dependural-os n'uma barra de ferro, grade de terraço ou mesmo parapeito d'uma janella e batel-os primeiro pelo avesso e depois pelo direito, e em seguida escoval-os da mesma maneira.

Aquellas que possuem um gramado devem mandar estender o tapete já escovado sobre a relva de manhã quando ainda orvalhada, com o avesso para cima, e arrastar o tapete sobre ella: isso aviva o colorido do tapete.

Quando o tapete está furado em algumas partes, vira-se com o avesso para cima sobre uma táboa e com ajuda d'uns percevejos (tachas) prega-se em volta do buraco deixando uma margem, para que se possa, com uma agulha grossa e ligeiramente arqueada, fazer a trama com linha grossa de linho, no tom do fundo do tapete. Depois vira-se o tapete e prega-se novamente com os percevejos para que fique bem esticado, e com lãs dos diversos tons empregados no tapete procura-se imitar o melhor possivel o desenho, com ponto de nó, de cruz, de gobelin etc...

Quando as beiradas do tapete estão desfiadas ou estragadas, o melhor é cortar a parte estragada e debruar o tapete com um galão de lã, de seda ou de linho, empregando para isso a agulha forte e longa e o fio de linho usado para coser o couro.

CASAQUINHO DE :: CROCHET ::

Este casaquinho, de muito facil execução, deve ser começado pela parte de baixo das costas fazendo-se uma trancinha de 30 centimentros; ir formando as carreiras com o ponto indicado no modelo fig. 1 até ter 8 centimetros de altura; depois ir diminuindo uma malha de cada lado todas as 4 carreiras até formar 11 centimetros. Juntar uma trancinha de 13 centimetros de cada lado para formar as mangas e augmentar em cada ponta durante 11 centimetros; deixar 12 centimetros no centro sem trabalhar para formar a golla. Em seguida juntar uma trancinha de 7 centimetros de cada lado para formar a frente. Trabalhar uma frente, em seguida a outra. Diminuir na mesma proporção o que se augmentou na base da manga para formar o bico. Suprimir os 13 centimetros da manga e depois ir augmentando uma malha todas as quatro carreiras até formar 11 centimetros de altura; em seguida trabalhar sem augmentar mais nada até formar 8 centimetros. Fazer o outro lado egual e depois fechar as costuras debaixo dos braços e das mangas. Para a golla fazer á parte uma tira de 7 centimetros de altura e 40 centimetros de comprimento. Cosel-a em volta da golla. Depois fazer em toda a volta do casaquinho o bico de crochet que damos na fig. 2. Para fechar o casaquinho, faz-se uma trança bem frouxa com diversos fios de lã, terminando por bolas tambem feitas com o crochet, fig. 3.

Vestido de crêpe *georgette* verde claro, com mangas compridas e *collerette*, saia ampla formando coquillés na frente. O mesmo vestido, tiradas as mangas e *collerette*, transforma-se n'um vestido para a noite.

Mme. Bello (Recife) — O cuidado com os dentes deve começar muito cedo. Nas creanças os dentes devem ser lavados todas as manhãs. Pôr sobre a escova uma pequena quantidade de minha *Pasta para os Dentes* — dissolve os depositos calcareos — lavando immediatamente a bocca com bastante agua; juntando o meu *Elixir Radio Activo* evita a alteração do esmalte. Tanto a *Pasta* como meu *Elixir para os Dentes* são grandes auxiliares da saude e da belleza dos dentes.

Thereza — Quem tenha visto o resultado das applicações de luz em doença da pelle promptamente reconhecerá o valor d'este tratamento. E' conhecido que a luz provoca a expulsão das espinhas, fortificando a pelle. Todas as doenças da pelle podem facilmente ser curadas. Encontra-me todos os dias das 11 ás 4.

M. M. — Com agua oxygenada dupla. Junte uma colhér do *Tonico da Pelle* em ½ litro de agua para lavagem do rosto.

Geninha (Curityba) — Para extinguir as sardas lave o rosto de manhã e á noite com o sabonete *Sylkale*. Durante o dia de 3 em 3 horas humedeça o rosto com a *Loção de Embellezar a Pelle*, misturada em partes eguaes com agua oxygenada, e applique o *Pó de Arroz Hygienico*. A' noite ao deitar-se deve applicar a *Loção Adstringente* para contrahir os póros dilatados.

Ignês Góes (S. Paulo) — O meu sabonete *Sylkale* é composto de substancias as mais finas. Limpa, amacia e perfuma a pelle. A Casa Lebre merece toda a confiança.

Gaucha (Aquidanana) — Algumas manchas da pelle affectam apenas a sua camada superficial, devidas a alterações de pigmentação. A maioria ataca a derme. Tendo os devidos cuidados com a pelle as manchas desapparecem gradualmente. Deve adoptar o seguinte tratamento: antes de deitar applique sobre o rosto o *Crême de Massagem* lavando em seguida com o sabonete *Sylkale*. Depois de ter lavado o rosto, applique a *Loção de Embellezar a Pelle* misturada com umas gottas de alcool comphorado. Ao levantar, a seguir á lavagem applique a *Loção Adstringente* misturada em partes eguaes com agua oxygenada; feito isto, limpe o rosto e applique o *Pó de Arroz Hygienico*. Observando sempre este cuidado com a pelle terá a pelle sadia, sem manchas.

U. L. C. (Ribeirão Preto) — Para evitar a papada pratique-se a massagem com o *Crême de Massagem*, com as costas das mãos untadas com crême, desde o queixo em direcção das orelhas.

O meu *Pó de Arroz Hygienico* constitue o melhor preservativo da pelle: deve applicar sobre o rosto varias vezes ao dia, para aformosear a cutis. O gelo torna a pelle manchada. Contra os póros dilatados use a *Loção Adstringente*: imprime á pelle um lindo tom lacteo e uma frescura saudavel. Penhorada lhe agradeço as suas gentis palavras.

Nair — Aconselho-lhe colorir os labios com rouge *Rosita*, cujo colorido é fino e distincto.

SELDA POTOCKA

O apache ao medico: — Se me torna a bater nas costas parto-lhe a cara.